

SERMÕES E PREGAÇÃO NO OCIDENTE MEDIEVAL (SÉCULOS IV-VI): ASPECTOS CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS

SERMONS AND PREACHING IN THE MEDIEVAL WEST
(4TH TO 6TH CENTURIES): SOME CONCEPTUAL AND
METHODOLOGICAL CONSIDERATIONS

Paulo Duarte Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Correspondência:

Largo São Francisco de Paula, nº 1, Centro - Rio de Janeiro - RJ
CEP: 20051-070

E-mail: pauloduartexxi@hotmail.com

Resumo

Neste artigo discutimos algumas das inovações conceituais e metodológicas referentes ao estudo dos sermões medievais produzidas nas últimas décadas, atentando ao fato de que a maior parte das pesquisas desconsidera os primeiros séculos medievais. Assim, ao elencarmos as principais questões advindas destas recentes contribuições, consideramos tais reflexões à luz dos escritos de pregadores do período comumente relegado, notadamente Cesário de Arles.

Palavras-chave Pregação; Episcopado; Primeira Idade Média.

Abstract

In this article we discuss some of the methodological and conceptual innovations on the study of the medieval sermons developed in the last decades, considering that most of these researches disregard its first centuries. Thus, by identifying the major issues of these recent contributions, we consider them in the light of the writing of the preachers of the commonly neglected period, mostly Caesarius of Arles.

Keywords: Preaching; Bishopric; First Middle Ages.

Considerações iniciais

Nas últimas décadas, os estudos dedicados aos sermões medievais tem se ampliado, o que se expressa tanto em um maior número de pesquisadores e publicações destinados ao tema quanto, sobretudo, em um significativo salto qualitativo no que se refere aos aspectos metodológicos pertinentes a este tipo de documentação.

No entanto, a maioria destes estudos se detém em sermões inscritos no período da Idade Média Central em diante. Deste modo, a pregação característica dos primeiros séculos medievais permanece pouco explorada. Tal carência se agrava quando se reconhece ser este período crucial para a organização da Igreja.

Neste artigo indicamos alguns dos aspectos e desafios pertinentes ao estudo da pregação e dos sermões dos séculos IV a VI, tomando como referência as recentes discussões conceituais e metodológicas conduzidas em tal campo acadêmico. Pondo foco no âmbito do episcopado ocidental – então associado ao processo de fortalecimento da autoridade cívica episcopal e de assentamento e formação dos reinos romano-germânicos –, optamos por definir o período estudado como Primeira Idade Média.

A nosso ver, uma vez reconhecidas as contribuições derivadas da consolidação acadêmica e editorial da noção de Antiguidade Tardia para dirimir estereótipos acerca das “trevas” alto-medievais e de uma presumida e exagerada ruptura entre os tempos antigos e medievais,¹ consideramos que sua ênfase na “continuidade” e na “integração” levou parte dos pesquisadores a negligenciar processos e conflitos políticos que seriam característicos do Ocidente.² O uso da expressão Primeira Idade Média, tal como concebida por Franco Junior,³ parece-nos mais adequado por permitir o foco nos eventos ocidentais sem, contudo, carregar as implicações que a expressão Alta Idade Média ainda pode trazer.⁴

Além do uso de textos considerados como referência à pregação ocidental em nosso período de estudo, tais como as obras de Ambrósio, Agostinho e Gregório de

¹ Além de focar o Oriente mediterrâneo, até então largamente negligenciado pela historiografia.

² No mais, as diversas periodizações que lhe são sugeridas – por alguns dos seus principais artífices, como Marrou, Brown e Cameron – acabam por dificultar ainda mais sua aplicabilidade.

³ Para o autor, a principal característica do período é a síntese dos substratos culturais que marcariam o Ocidente medieval, a saber o *romanismo*, o *germanismo* e o *cristianismo*, cuja composição podia variar regionalmente. FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Idade Média: O nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 115-7; Antiguidade Tardia ou Primeira Idade Média? In: ANDRADE FILHO, Ruy de O. (org). *Relações de Poder, educação e Cultura na Antiguidade e Idade Média*. Santana do Parnaíba: Solis, 2005, p. 233-42.

⁴ Aceita por Le Goff e empregada por pesquisadores brasileiros como Marcus Cruz, Renan Frighetto, Gilvan Ventura, José D’Assunção Barros, dentre outros, a noção de Antiguidade Tardia vem sendo contestada por autores como Chris Wickham, Brian Ward-Perkins, Arnaldo Marconi e Edward James. SILVA, Paulo Duarte. O debate historiográfico sobre a passagem da Antiguidade à Idade Média: considerações sobre as noções de Antiguidade Tardia e Primeira Idade Média, *Revista Signum*, v. 14, p. 73-91, 2013. Disponível em: <http://www.revistasignum.com/signum/index.php/revistasignumn11/article/view/95/92> (12/09/13).

Roma, detemo-nos nos sermões e escritos associados a Cesário de Arles – este, tido como *locus* privilegiado para considerações acerca da pregação e dos sermões nos referidos séculos, na parte final do artigo.

O estudo dos sermões medievais na atualidade

Em resenha de pouco mais de uma década, Siegfried Wenzle afirmou: “O sermão claramente era um dos maiores, e quiçá o maior, dos gêneros literários na cultura medieval ocidental”.⁵ Embora discutível, tal entusiasmo justifica-se ao menos parcialmente, quando se considera os notórios avanços ocorridos neste campo de pesquisa nas últimas décadas.

De fato, embora desde o século XIX os historiadores já viessem contestando o propalado “silêncio” da pregação católica medieval,⁶ a partir da segunda metade do século XX e, particularmente, da década de 1970 em diante a pesquisa historiográfica relativa a tais documentos e à pregação cresceu a passos largos. Muessig argumenta que o divisor de águas deste processo se deu com a publicação de uma compilação de cem mil referências a sermões latinos produzidos entre 1150-1350 por Schneyer,⁷ cuja contribuição, apesar de já bastante criticada, permanece inestimável.

Até a década de 1970 os estudos se detinham na “história da pregação”, associando os sermões aos manuais de pregação (*artes preadicandi*) e a fontes narrativas – complementadas ocasionalmente por estudos biográficos. Desde então o foco mudou para os sermões *per se*, tidos como “sistema de comunicação”: tal mudança deriva diretamente da contribuição de Bataillon quanto ao refinamento metodológico – elencando questionamentos acerca da *audiência*, *autoria* e *datação* dos sermões – e à pesquisa dos manuscritos.

Bataillon demonstrou que, antes de empregar os sermões como uma fonte histórica, o pesquisador deve entender a coleção na qual se encontra o sermão; qual sua função naquela coleção particular;

⁵ “The sermon clearly was a major, and arguably the major, literary genre in Western medieval culture”. WENZLE, Siegfried. The Sermon by Beverly Mayne Kienzle. *Speculum*, Cambridge, v. 77, n. 1, p. 204, 2002 (tradução nossa).

⁶ Cabe destacar as obras de os trabalhos de Bourgain, Albert, Cruel, Linsenmayer e, sobretudo, Le-coy, explorando temas como “Reforma” “Política e comércio”, “Devoção Religiosa”, “Casamento” e “mulheres” – agitados pelo acrimonioso e inerente debate religioso entre católicos e protestantes, conduzindo ainda intensa pesquisa documental. MCLAUGHLIN, Emmet. The Word Eclipsed? Preaching in the Early Middle Ages. *Traditio*, Nova York, 46, p. 77-8, 1991; MUESSIG, Carolyn. Sermon, Preacher and society in the middle ages. *Journal of Medieval History*, Amsterdã, v. 28, p. 73-5, 2002. Conferir ainda: VAN EGEN, J. The Christian Middle Ages as an Historiographical Problem. *American Historical Review*, Bloomington, v. 91, n. 3, p. 519-52, 1986.

⁷ SCHNEYER, J-B. *Repertorium der lateinischen Sermones des Mittelalters fu'r die Zeit von 1150-1350*, 11 vols (Beitrag zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters, Mu'nster/Westphalia, 1969-1990) apud MUESSIG, Carolyn. Sermon, Preacher...*Op. Cit.*, p. 75, nota 6.

qual, caso haja, sua função litúrgica; e qual a relação entre um sermão preservado em sua forma escrita e sua apresentação oral.⁸

Deste modo, contrariando a fraqueza analítica das grandes narrativas historiográficas precedentes, tais inovações metodológicas vieram mesmo a abrir caminho para o estudo de sermões inéditos: ao mesmo tempo, minaram as possibilidades atuais de uma narrativa geral acerca dos sermões medievais.⁹

Outro aspecto pertinente é que, na esteira de tais mudanças, torna-se cada vez mais presente um campo de estudos da pregação medieval que, afastando-se de premissas apologéticas e devocionais,¹⁰ se avizinha de outros campos das ciências sociais, como os da *teoria literária*,¹¹ da *teoria da performance* e da *arte*.¹²

Em termos editoriais e institucionais, vale frisar a profusão de edições críticas de sermões em coleções como a *Sources Chrétiennes*¹³ e, sobretudo, das pesquisas associadas à *International Medieval Sermon Studies Society* (IMSSS).¹⁴ Além da revista *Medieval Sermon Studies*, a instituição promove encontros bienais em diversas localidades da Europa, além de patrocinar sessões no anual Congresso Medieval de Kalamazoo.¹⁵ As pesquisas correntes são beneficiadas ainda por publicações cujos le-

⁸ “Bataillon demonstrated that before employing sermons as an historical source, the scholar has to understand the collection in which the sermon is found; what function the sermon has in its particular collection; what, if any, is its liturgical role; and what is the relation between a sermon preserved in its written form and in its oral presentation”. MUESSIG, Carolyn. *Sermon, Preacher... Op. Cit.*, p. 75 (tradução nossa). Conferir notas 9 e 10.

⁹ THOMPSON, Augustine. *From Texts to Preaching: Retrieving the Medieval Sermon as an Event*. In: MUESSIG, C. (ed.). *Preacher, Sermon and the Audience in the Middle Ages*. Leyden, Boston, Koln: Brill, 2002. p. 13-21.

¹⁰ Que, como vimos, agitavam o debate acadêmico no século XIX, fosse para refutar ou defender a pregação católica medieval. CARRUTHERS, Leo. *The Word made flesh: Preaching and Community from the Apostolic Times to Late Middle Ages*. In: DONAVIN, Georgiana, NEDERMAN, Cary, UTZ, Richard (ed.). *Speculum Sermonis*. Turnhout: Brepols, 2004. p. 24-5. Cabe dizer, no entanto, que tal disposição apologética permanece ainda entre os estudiosos do assunto: no caso de Cesário de Arles, além dos os autores que escreveram a introdução das edições críticas de seus sermões, destaca-se a obra de Hughes Old. OLD, Hughes. *The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church: The Medieval Church* (vol 3). Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1999. p. 73-95.

¹¹ Para o período da Primeira Idade Média, destaca-se a obra de Averil Cameron, cuja análise se escorrou ainda na sociologia. CAMERON, Averil. *Christianity and the Rhetoric of Empire: The Development of Christian Discourse*. Berkeley: University of California, 1991. p. 6, 11-2.

¹² MUESSIG, Carolyn. *Preacher, Sermon and Audience in the Middle Ages: An Introduction*. In: (ed.) *Preacher, Sermon and the Audience...*, *Op. cit.*, p. 3-12; KIENZLE, B. M. *Medieval Sermons and their Performance: Theory and Record*. In: MUESSIG, C. (ed.). *Preacher, Sermon and the Audience ...*, *Op. Cit.*, p. 89-124.

¹³ ALLEN, Pauline, MAYER, Wendy. *Computer and Homily: Accessing the Everyday Life of Early Christians, Vigiliae Christianae*, Leiden, v. 47, n. 3, p. 261, 1993.

¹⁴ A iniciativa de tal instituição deriva do esforço de uma série de simpósios organizados em Oxford por Gloria Cigman (1979-1986) e, em específico, é fruto do Simpósio de Estudos de Sermões de Dijon (1988). Um memorial da Sociedade encontra-se em: <http://imsss.net/about-imsss/a-concise-history-of-the-international-medieval-sermon-studies-society> (acessado em 08/03/2013).

¹⁵ Tomando Carruthers como referência, pode-se concluir que se trata da principal instituição promotora do *internacionalismo* de tal campo de estudo, além de porta-voz de uma perspectiva não coligada aos estudos devocionais e apologéticos. CARRUTHERS, Leo. *The Word made...*, *Op. cit.*, p. 3, 24-5.

vantamentos bibliográficos (primário e secundário) são de particular importância, tais como as obras de Jean Longère e de Beverly Kienzle.¹⁶

Em suma, diante destes avanços conceituais e metodológicos, hoje se reconhece que os sermões são também fontes de importantes informações sociais quanto,¹⁷ em especial em nosso caso, se inscrevem em um âmbito normativo, dirigido quase sempre aos fieis/audiência.¹⁸

Entretanto, em que pese reconhecer a ampliação do escopo de tal campo de estudo, nota-se que a maioria dos autores e das obras referentes à pregação medieval se detém no período que vai da Idade Média Central em diante, restando pouco espaço para a divulgação e análise dos sermões da Primeira e da Alta Idade Média. O caso da supracitada obra organizada por Kienzle, *The Sermon*, é emblemático: dos doze capítulos da obra, somente um aborda os sermões da chamada “Alta Idade Média” (*Early Middle Ages*) – sob os cuidados de Thomas Hall.¹⁹

A explicação de que existem mais manuscritos e sermões para os períodos posteriores – e, por isso, mais pesquisas envolvidas – não é plenamente satisfatória, já que o volume documental referente ao período que nos interessa é também razoável, e permanece ainda largamente inexplorado.²⁰ Allen e Mayer frisam outros dois ou-

¹⁶ LONGÈRE, Jean. *La Prédication Médiévale*. Paris: Ét. augustin., 1983; KIENZLE, Beverly (ed). *The Sermon. (Typologie des Sources du Moyen Age Occidental, 81-83)*. Turnhout: Brepols, 2000. Embora não tenhamos, até o presente momento, acesso aos referidos materiais, ao menos no caso da obra de Kienzle tal carência é parcialmente sanada pelo fato de termos acesso à obra *De L’Homelie au Sermon: Histoire de la Predicación* (1993), organizada por Hamesse e Hermand. Em seu artigo que compõe a obra, Beverly Kienzle afirma que, salvo alteração *a posteriori*, existe uma similaridade entre os capítulos dessa obra e os autores que foram convidados a participar da redação coletiva da *Typologie* (lançada, é sabido, sete anos depois). KIENZLE, Beverly M. The Typology of the medieval Sermon and its development in the Middle Ages: Report on Work in progress. HAMESSE, J., HERMAND, X. (org.). *De L’Homelie au Sermon: Histoire de la Predicación Médiévale*. Louvain: Université Catholique de Louvain, 1993. p. 83-102. No caso do livro de Jean Longère, este ocupa efetivamente do período medieval com o qual não lidamos diretamente neste artigo.

¹⁷ ALLEN, Pauline, MAYER, Wendy. Computer and Homily..., *Op. Cit.*, p. 260-1.

¹⁸ “Pregar era, de fato, definir os contornos da verdadeira religião, diante da heresia e da superstição, e propor (até mesmo impor) um modelo de cristianismo, uma visão de mundo cujos componentes políticos, sociais e religiosos encontravam-se estreitamente entrelaçados”. DE BEAULIEU, Marie-Anne P. Pregação. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude. (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: IOE, 2002. p. 367. Conferir ainda: SHAW, Brent. In the House of Discipline. In: *Sacred Violence: African Christians and Sectarian Hatred in the Age of Augustine*. Nova York: Cambridge University, 2011. p. 409-40, p. 421.

¹⁹ Tal constatação se repete na organização de outra importante obra aqui citada – *De L’Homelie au Sermon: Histoire de la Predicación Médiévale*, de Hamesse e Hermand – e, salvo exceções, na maioria dos artigos e livros que abordam o assunto a pregação no período aqui estudado é relegada: no caso da obra de Muessig, *Preacher, Sermon and the Audience in the Middle Ages*, por completo.

²⁰ ALLEN, Pauline, MAYER, Wendy. Computer and Homily..., *Op. Cit.*, p. 260, 264. Desde a última década Lisa Bailey vem publicando estudos acerca de uma coleção de sermões gálicos que permanece, em termos práticos, inexplorada: a saber, a coleção do *Eusébio Gaulês*. Em três artigos e um livro, a autora trouxe à tona um amplo conjunto documental que, de acordo com a autora, permitirá a contraposição às suposições geralmente aceitas acerca da pregação na Gália do período alto medieval, dominadas pelos escritos de Cesário de Arles. BAILEY, Lisa. Building urban Christian communities: sermons on local saints in the Eusebius Gallicanus collection. *Early Medieval Europe*, Manchester, v. 12, n. 1, p. 1-24, 2003; “Monks and lay communities in late antique Gaul: the evidence of the

tros aspectos que, a nosso ver, parecem mais pertinentes: **a)** em muitos casos, a ausência de edições críticas para alguns sermões – ou a existência de edições/traduições pobres; **b)** pela premência do *plagiarismo* e pela *dificuldade em estabelecer a autoria* de diversos desses sermões e coleções.²¹ Confrontado com o período da Idade Média Central (séculos X-XIII) em diante, no qual proliferam sermões de autores como Bernardino de Siena, Bernardo de Claraval, dentre outros – além de hereges, leigos e mulheres – o período precedente poderia, a princípio, parecer menos instigante.

McLaughlin vai além: a princípio reconhecendo as carências documentais – e as próprias intempéries dos primeiros séculos medievais no que se refere à preservação de documentos –,²² o autor se recusa a coadunar com uma perspectiva historiográfica que toma tais dificuldades como apanágio para reafirmar a fraqueza intelectual-espiritual da Igreja no período, premedida pela glória paleocristã e pela Reforma Gregoriana, ocorrida na Idade Média Central.

Neste sentido, tal concepção se funda tanto mais por uma visão retrospectiva historiográfica pós-Iluminista que, *a posteriori*, valoriza os fundamentos formais de uma cultura letrada. De viés católico ou protestante, tais acadêmicos tomaram como paradigma para a avaliação de tal situação *um* tipo de pregação, pautado no testemunho pessoal, na liberdade de fala (ou seja, típicos do Cristianismo moderno), o que dificulta a compreensão de uma religião baseada na performance oral²³ e ritual, qual seja, *litúrgica*.

À medida que os historiadores do século passado [XIX] olhavam para trás, não era difícil concluir que, ao menos no que tange à pregação, a Alta Idade Média foi uma verdadeira idade das trevas espremida entre a glória da Igreja antiga e o esplendor extravagante do período posterior. A Igreja, nesta visão, deveria ser vista como lutando ferrenhamente contra o barbarismo e a decadência. Mas tal encaminhamento da questão, argumento, deforma a realidade não apenas da Alta Idade Média, mas também da Igreja antiga. Enxerga o passado pelo prisma de desenvolvimentos posteriores. Especificamente, é o produto de tendências tardo-medievais na Igreja e na cultura geral que ajudaram a produzir a Reforma e a formar as atitudes modernas face à religião: fatores como a crescente alfabetização, urbanização, as universidades, a imprensa, a burocratização da Igreja, e o aparecimento das ordens mendicantes. A Igreja alto me-

Eusebius Gallicanus sermons”. *Journal of Medieval History*, Amsterdã, v. 32, n. 04, p. 315-22, 2006; *Christianity’s Quiet Success: The Eusebius Gallicanus Sermon Collection and the Power of the Church in Late Antique Gaul*. Notre Dame: University of Notre Dame, 2010. Restrita ao período da carreira eclesiástica de Agostinho, a obra de Shaw estima cerca de cinco milhões de sermões entregues às muitas comunidades africanas, seja por “católicos” ou “dissidentes” donatistas. Como esperado, somente uma parcela mínima destes sermões foi preservada: ainda assim, o autor estima entre oitocentos e novecentos sermões de autoria do bispo de Hipona – descontando-se o volumoso conjunto de dois mil sermões *pseudo-agostinianos*. SHAW, B. *Op. Cit.*, p. 412-3, 416-9.

²¹ ALLEN, Pauline, MAYER, Wendy. Computer and Homily..., *Op. Cit.*, p. 260-1; MCLAUGHLIN, E. The Word Eclipsed?..., *Op. Cit.*, p. 77-9.

²² MCLAUGHLIN, E. The Word Eclipsed?..., *Op. Cit.*, p. 79-89.

²³ CAMERON, A. *Op. Cit.*, p. 3; SHAW, B. *Op. Cit.*, p. 409-414, 440.

dieval, em sua maioria, não pregou tal como o preconceito moderno demandava, não porque desejava e falhou, mas porque tinha agenda distinta.²⁴

Assim, atentos a tais considerações e às limitações de algumas destas pesquisas, examinaremos alguns dos aspectos que caracterizam a pregação ocidental na Primeira Idade Média. Para tal, empregamos bibliografia específica sobre os sermões neste período bem como aquelas alusivas ao período posterior da pregação, combinadas ao uso dos documentos que abordaram a pregação – chamados de “fundadores”²⁵ – e de trechos dos sermões e demais escritos de Cesário de Arles (502-543), associados às preocupações específicas de seu episcopado.

Entendemos que a pregação dos séculos IV-VI e não pode ser negligenciada, especialmente quando se admite ser este período crucial para a organização da Igreja: definem-se, então, as principais questões dogmáticas e, por extensão, da ortodoxia –; nas franjas da *pars occidentalis* e nos campos, realizam-se as campanhas de evangelização rural; consolida-se, enfim, a hierarquia eclesiástica, centrada na autoridade citadina dos bispos. Neste ínterim, a conformação da liturgia e da pregação são, *per si*, importantes. De acordo com Bailey, a profusão de sermões acompanha este processo – volátil e oscilante – de institucionalização, sobre o qual adverte:

²⁴ “As the historians of the last century looked back, it was hard not to come to the conclusion that here, at least with regard to preaching, the early Middle Ages was a true dark age that lay sandwiched in between the glory of the ancient Church and the gaudy splendor of the late medieval one. (...) The Church, in such a view, must surely be seen as striving mightily against the barbarism and decay (...). But such an understanding of the matter, I would argue, badly misconstrues the reality not only of the early Middle Ages, but also of the ancient Church. It views the past through the prism of later developments. Specifically, it is the product of late medieval tendencies in the Church and general culture which helped produce the Reformation and shape modern attitudes toward religion: factors like rising literacy, urbanization, the universities, the printing press, the bureaucratization of the Church, and the appearance of the preaching orders. (...) The early medieval Church, for the most part, did not preach as modern prejudice would demand, not because it wished to and failed, but because it had a different agenda”. Idem, *Op. Cit.*, p. 86-8 (tradução nossa).

²⁵ Em que pese concordarmos com Cameron em reconhecer que, em seu sentido mais amplo, o(s) discurso(s) cristão(s) se impôs(useram) por meio de uma miríade de documentações, abrangendo de tratados especulativos à vidas de santo – além de panfletos difamatórios, como aponta Shaw –, atentos aos nossos objetivos e aos limites que cabem em um artigo, atemo-nos àqueles escritos que foram tomados mais diretamente como referência pelos pregadores ocidentais no período aqui abordado: a saber, tais como sugeridos por De Beaulieu, o livro IV do *De Doctrina Christiana* e o *De Cathecizandis Rudibus*, de Agostinho, a *Regula Pastoralis* de Gregório Magno, aos quais acrescentaríamos trechos de *De Officiis*, de Ambrósio de Milão. DE BEAULIEU, Marie-Anne P. *Op. Cit.*, p. 367-8; CAMERON, A. *Op. Cit.*, p. 5-6, 30-1, 39-41; SHAW, B. *Op. Cit.*, p. 433-6. AMBRÓSIO DE MILÃO. *De Officiis*. Ed. Phillip Schaff. *Ambrose: Selected Works and Letters: Nicene and Post-Nicene Fathers*, v. 2, n. 10. Grand Rapids, MI: Christian Classical Ethereal Library, 2004. p. 25-174. Disponível em World Wide Web: [/www.ccel.org/ccel/schaff/npnf210.html](http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf210.html) (acessado em 01/02/2013); AGOSTINHO. *De Doctrina Christiana. IV*. Ed. Martín Balbino. *Obras de San Agustín, v. XV: Biblioteca de Autores Cristianos*. Madri: Editorial Católica, 1977. p. 262-349; ibidem. Ed. Nair Oliveira e Roque Frangiotti. *A Doutrina cristã: manual de exegese*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 205-77; AGOSTINHO. *De Catechizandis Rudibus*. Ed. Glória Novak. *Instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005; GREGÓRIO DE ROMA. *Regula Pastoralis*. Ed. Moacyr Grechi, Heres Freitas e Sandra Pascoalato. São Paulo: Paulus, 2010.

Todas essas considerações tornam difícil falar em uma ‘Igreja Cristã’ como se fosse uma entidade única e não problemática. Havia mais de uma Igreja na antiguidade tardia e mais de uma forma de pertencê-las. Como qualquer corporação, a Igreja era maior que a soma de suas partes. Ela sobreviveu às mortes de seus membros constituintes e desenvolveu uma memória, ou conjunto de tradições, que perpetua sua identidade. A maquinaria desta corporação proveu os sacramentos, juntou dinheiro, ergueu construções, dispensou a caridade, regulou a ortodoxia e protegeu seus pares. Neste sentido, a Igreja era uma instituição, a Igreja podia ser vista, e era possivelmente mais comumente vista por cristãos tardoantigos, como um ideal.²⁶

A pregação nos séculos IV-VI: algumas considerações

À luz das recentes contribuições trazidas no âmbito do estudo da pregação medieval e das mais destacadas referências documentais alusivas ao fenômeno produzidos no Ocidente entre os séculos IV e VI, podemos considerar alguns aspectos que norteavam a atividade predical no referido período.

De acordo com McLaughlin, a pregação na Primeira Idade Média herdou algumas das características da pregação apostólica, para arrepio dos estudiosos que glorificam o cristianismo primitivo. Lembrando-nos de que mesmo as religiões ditas “do livro” tinham reservas quanto à cultura letrada, o autor e Carruthers afirmam que a pregação apostólica era, em essência, oralizada, baseada em memorizações, orações formulaicas e que permitia algum “improviso” especialmente no decorrer do serviço eucarístico – já que, mesmo neste caso, sujeito ao uso de fórmulas e convenções. Dada sua condição, deixou-nos poucas evidências escritas.²⁷

²⁶ “All this considerations make it difficult to talk of a “Christian Church” as though it were a singular and unproblematic entity. There was more than one Church in late antiquity and more than one way of being in it. (...) like any other corporation, the Church was more than the sum of its parts. It survived the deaths of its constituent members and developed a memory, or set of traditions, which perpetuated its identity. The machinery of this corporation provided the sacraments, raised money, built buildings, dispensed charity, regulated orthodoxy, and protected its own. In this sense, the Church was an institution. (...), the Church could be seen, and was perhaps most often seen by late antique Christians, as an ideal. (...)”. BAILEY, Lisa. *Christianity’s Quiet Success...*, *Op. Cit.*, p. 11 (tradução nossa). Como veremos, Bailey e McLaughlin divergem quanto à questão da *criatividade* e da *autoria* predical.

²⁷ Pelo relato mais antigo, qual seja, os Atos dos Apóstolos observa-se a presença do *kerygma* que, passava a significar não só proclamação (sentido secular) mas também predical (ainda assim, seu uso mais comum é apologético, em contraste com *didache* e suas implicações institucionais), incluindo-se At. 2-13, a pregação paulina sobre a Ressurreição e, em seu sentido mais elementar, nos discursos ‘petrinos’ em Jerusalém (At. 2: 14-40) e Cesareia (At. 10:28-43). A partir de fins do primeiro século, durante a chamada “era patrística”, observa-se a profusão de textos considerados ortodoxos – embora somente o Apocalypse fosse, posteriormente, integrado ao cânon: a *Didache*, o *Credo Apostólico* assim como os escritos de Clemente de Roma (cuja epístola aos Coríntios é considerada “o mais antigo sermão cristão existente”) e de Inácio de Antioquia. O segundo sermão registrado é uma *homília* pascal atribuída a Melito de Sardes (ca. 170); ao passo que algumas obras atribuídas a *Hipólito de Roma* (ca. 236) hoje são consideradas espúrias; nem *Tertuliano* nem *Cipriano de Cartago* deixaram-nos sermões: a exceção é *Orígenes*. No Ocidente, *Zeno de Verona* (morto ca. 375) e *Ambrósio de Milão* (339-397) foram os primeiros pregadores notórios. CARRUTHERS, Leo. *The Word made flesh...*, *Op. cit.*, p.; MCLAUGHLIN, E. *The Word Eclipsed?...*, *Op. Cit.*, p. 88-9.

As mudanças decorridas da chamada “Revolução Constantiniana”²⁸ provocaram transformações em todos campos eclesiásticos, dentre os quais a pregação. Neste âmbito, três aspectos se destacam: **a)** a *tendência à monopolização* da pregação junto aos bispos; **b)** a adequação da *retórica* eclesiástica – cada vez mais associado à elite intelectual e política romana – às expectativas de um escopo cada vez maior de fiéis, abarcando tanto as classes senatoriais e curiais quanto grupos ditos “populares”; **c)** incipiente processo de codificação e divulgação de sermões – ladeado, como vimos, à formação de um *memorial* ou *thesaurum* documental.

Embora desde antes do século IV os bispos viessem acumulando prerrogativas junto às suas respectivas comunidades,²⁹ foi a partir das benesses – fiscais, jurídicas, donativas, dentre tantas outras – concedidas por Constantino e seus sucessores que os preladados se afirmaram como efetivas lideranças tanto da *ecclesia* quanto, em poucos séculos, da *civitas*. A pregação foi, assim, uma das expressões e meios de fortalecimento da autoridade eclesiástica,³⁰ sobretudo – mas não somente³¹ – dos bispos em suas respectivas cidades e dioceses.

Embora alguns esforços tenham sido feitos visando estender o direito predical aos presbíteros e clérigos paroquiais, acredita-se que a maioria dos bispos permaneceu ciosa de compartilhar desta prerrogativa.³² De fato, os mais destacados pregado-

²⁸ Embora devamos evitar o conteúdo triunfalista das narrativas eclesiásticas que abordam esse período – boa parte delas produzidas *ex post facto* –, entendemos por “Revolução Constantiniana” o processo gradual de aproximação entre as autoridades imperiais e os eclesiásticos, notadamente os bispos. BROWN, Peter. *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Presença, 1999, p. 59-71; VEYNE, Paul. *Quando nosso mundo se tornou cristão [312-324]*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2010, p. 22-3.

²⁹ Assumindo a liderança dos assuntos litúrgicos e pastorais, institucionalizando o processo eletivo e controlando as receitas comunitárias, o poder episcopal se estabeleceu em meio à expansão do próprio cristianismo. BROWN, Peter. *A Ascensão do Cristianismo...*, *Op. Cit.*, p. 42-51; RAPP, Claudia. *Holy Bishops in Late Antiquity: The Nature of Christian Leadership in an age of transition*. Berkeley, Los Angeles, Cambridge: University of California, 2005. p. 27-32.

³⁰ Bailey acredita que, ao menos na Gália, mulheres, monges e leigos pudessem pregar, embora quase não haja evidências. BAILEY, Lisa. *Christianity's Quiet Success...*, *Op. Cit.*, p. 153, nota 22. McLaughlin afirma que a legislação merovíngia previa a pregação de juizes. MCLAUGHLIN, E. *The Word Eclipsed?...*, *Op. Cit.*, p. 114.

³¹ No caso de Agostinho, sabe-se que este começou a pregar mesmo quando presbítero de Hipona, e que em sua contenda com os “dissidentes” donatistas apoiou a pregação de presbíteros e clérigos menores. Além disso, bispos chegaram a pregar em sedes aliadas, como Fausto de Riez em Arles à época do bispado de Hilário (430-449) e Germano de Auxerre em Lyon na época de Euquério (435-449). Deste modo, a monopolização predical cidadina possui nuances e, por isso, deve ser tomada como tendência e não como processo inexorável e unívoco. SHAW, B. *Op. Cit.*, p. 411; MATHISEN, Ralph. *Ecclesiastical factionalism and religious controversy in fifth-century Gaul*. Washington: Catholic University of America, 1989. p. 72, nota 13.

³² As decisões no concílio de Vaison (529, c. 2), sob presidência de Cesário de Arles, que previam a ampliação do direito à pregação aos párocos rurais, parecem não ter contado com o entusiasmo dos demais bispos gálicos e de outras regiões, a começar pela baixa frequência de signatários de outros concílios presididos à época pelo mesmo bispo, o que poderia indicar uma rejeição a uma ou mais decisões tomadas nesta assembleia. Nos séculos seguintes, embora tal cânone tenha constado em esparsas coleções canônicas e atas de concílios da Gália e da Itália, ao que parece seria necessário esperar até o projeto carolíngio de “reforma” para que a extensão do direito predical fosse cogitada – também sem sucesso. DE BEAULIEU, Marie-Anne P. *Pregação...*, *Op. Cit.*, p. 367-9; MCLAUGH-

res ocidentais foram, sem exceção, bispos: Zeno de Verona, Ambrósio, Agostinho, Cesário, Leão e Gregório de Roma. Considerava-se, em geral, que a autoridade moral e exemplar dos bispos seria o apanágio de sua atividade predical.³³

Um dos elementos associados ao fortalecimento do episcopado nesse período remete à crescente apreensão de tais cargos pelas elites senatoriais e, sobretudo, curiais.³⁴ No que tange à pregação, tal processo repercutiu com o uso de elementos e técnicas da retórica clássica, amplamente utilizadas entre as elites letradas citadinas,³⁵ resultando tanto em um refinamento da pregação quanto, inversamente, na aceitação de técnicas predicais do *sermo humilis* destinadas aos grupos populares.³⁶

Como afirma Clark, embora não se possa mensurar seu esforço, observa-se a tentativa das autoridades patrísticas em dirigir seu discurso às populações rústicas, através, entre outras, de metáforas associadas ao ambiente rural. Assim, por mais que Cícero já falasse em *sermo humilis*, de fato não se pode considerar tal tentativa na mesma alçada daquela conduzida por autores como Agostinho ou Zeno de Verona:

Rústicos tinham sido desprezados pela ignorância que tanto os excluía da cultura humana e mesmo, talvez, da possibilidade de virtude. Havia uma tradição de incorruptíveis piedade e moralidade rústicas, que remonta ao criador de porcos Eumaios (um príncipe raptado) na Odisseia. Mas os seguidores de Platão e Aristóteles achavam difícil ver como uma pessoa ignorante poderia ser de fato boa. O filósofo Porfírio, platonista do século III, e autor do mais completo relato do ascetismo não cristão do período, é abertamente desdenhoso das pessoas comuns, com suas ideias confusas e seus valores materiais, que não podem fazer o esforço intelectual para entender Platão. Mas os cristãos proclamaram um evangelho pregado por Pedro, o pescador, e Paulo, o fabricante de tendas, e não podiam desprezar *rustici* ou artesãos, *baunasoí*, que trabalhavam com suas mãos.³⁷

LIN, E. The Word Eclipsed?..., *Op. Cit.*, p. 79-81; KLINGSHIRN, William. *Caesarius of Arles: the making of a Christian community in late antique Gaul*. Cambridge: Cambridge University, 2004, p. 143-5.

³³ Tomando como referência as *epístolas pastorais*. AGOSTINHO, *De Doctrina Christiana* IV, XXV.53, XXVIII.59-60 e *De Catechizandis Rudibus*, XV.23; GREGÓRIO DE ROMA. *Regula Pastoralis*, 2, cf. 13, 44, 48, 64. Conferir: AMBRÓSIO, *De Officiis*, I.50.256-8; KIENZLE, B. M. *Medieval Sermons and their Performance...*, *Op. Cit.*, p. 94-7. No caso de Agostinho e seu notável acervo documental, é necessário frisar que, em outras obras, o bispo parece menos seguro da correlação entre a autoridade moral e exemplar e o exercício do ofício episcopal. LEYSER, Conrad. *Augustine and the Problem of Authority*. In: *Authority and Asceticism from Augustine to Gregory the Great*. Oxford, Nova York: Oxford University, 2000. p. 3-32, p. 3-8.

³⁴ RAPP, Claudia. *Holy Bishops...*, *Op. Cit.*, p. 172-203.

³⁵ Como veremos, a utilização da retórica pelos autores cristãos variou sensivelmente, embora predominasse sua aceitação desde que sujeita aos interesses eclesiais.

³⁶ Para estes, continuava-se a admitir mesmo o uso músicas e formas de memorização. MACMULLEN, Ramsay. A note on *Sermo Humilis*, *Journal of Theological Studies*, Oxford, v. 17, p. 108-12, 1966.

³⁷ "Rustics had been despised for the ignorance that excluded them from so much of human culture, and even, perhaps, from the possibility of virtue. There was a tradition of uncorrupted rustic piety and morality, which goes back to Homer's pigman Eumaios (a kidnapped prince) in the Odissey. But followers of Plato and Aristotle found it hard to see how an ignorant person could actually be good.

Considerando que boa parte da pregação era catequética – deixando de ser um ato de *adoração* e se tornando um ato de *instrução*³⁸ – autores como Agostinho admitiam que o uso de um discurso “baixo” era previsto sempre que necessário.

Tal é e deve ser a aplicação do doutor sábio em instruir: que ele prefira a uma expressão obscura e ambígua (...) uma expressão mais familiar aos ignorantes do que aos cultos (...) quando esta apresenta, na linguagem vulgar, sentido claro e determinado.³⁹

Os séculos IV e V foram de grande profusão predical. Tal difusão de sermões era provavelmente animada não só pela crescente ingerência cidadina episcopal e admissão de quadros curiais e senatoriais aos episcopados, como pelas discussões cristológicas em ebulição à época, que podem ter aguçado a inventividade dos pregadores.⁴⁰ Ladeada pela divulgação desses sermões passava a ganhar ímpeto a supracitada formação de coleções ou homiliários.

Segundo McLaughlin, além de se associarem à formação de um memorial, tais coleções foram engendradas em um momento de maior precisão e ornamentação das liturgias, o que, combinado ao crescente temor de parte do episcopado quanto à profusão de heresias, pode ter contribuído para a *restrição dos debates públicos* e, sobretudo, da *pregação*.⁴¹ Lisa Bailey discorda enfaticamente de McLaughlin, ao dizer que muito mais do que uma ameaça à criatividade e à originalidade predical do período, tais coleções representavam, como dito, um passo importante na *institucionalização da Igreja* e que de modo algum eliminavam necessariamente o improvisado, já que podiam ser objeto de reflexão e crítica *a posteriori*.

(...). The philosopher Porphyry, a third-century Platonist and author of the fullest account of non-Christian asceticism, is openly contemptuous of ordinary people, with their muddled ideas and their material values, who cannot make the intellectual effort to understand Plato. But Christians proclaimed a gospel preached by Peter the fisherman and Paul the tentmaker, and could not despise *rustici* or artisans, *banausoi*, who worked with their hands”. CLARK, E. Pastoral Care: Town and Country in Late-Antique Preaching. In: BURNS, Thomas, EADIE John (ed.). Urbans Centers and Rural Contexts in Late Antiquity. East Lansing: Michigan University, 2001. pp. 265-84, p. 276 (tradução nossa).

³⁸ MCLAUGHLIN, E. The Word Eclipsed?..., *Op. Cit.*, p. 88-9.

³⁹ AGOSTINHO, *De Doctrina Christiana* IV, X.24. p. 230. Em outra obra, Agostinho admite que a retomada de noções muito básicas possa enfadar o pregador. Idem, *De Cathecizandis Rudibus*, X. 15. Como veremos, a adequação à audiência era prevista pelos autores que fundamentaram a pregação alto medieval, embora autores como Hilário de Arles, Sidônio Apolinário e Ávito de Vienne tenham dado preferência à parte culta de sua audiência, e não aos populares. KLINGSHIRN, William. *Caesarius of Arles...*, *Op. Cit.*, p. 146-8.

⁴⁰ Na avaliação de McLaughlin, trata-se da “era de ouro” da pregação alto medieval, pois os grandes pregadores do período teriam conseguido aliar habilmente elementos da cultura clássica – retórica, filosofia e teoria moral – embora o autor questione quantos da audiência dos pregadores pudessem alcançar tais elucubrações. MCLAUGHLIN, E. The Word Eclipsed?..., *Op. Cit.*, p. 98-9.

⁴¹ Assim, Celestino de Roma (422-432) teria advertido os bispos da Provença contra a pregação de presbíteros; pouco depois, dois éditos imperiais teriam proibido “leituras públicas” sobre o dogma cristão. Além disso, o Patriarca de Alexandria teria também teria proibido os presbíteros de pregarem. MCLAUGHLIN, E. The Word Eclipsed?..., *Op. Cit.*, p. 100-1, conferir 102-6, 120-1.

Ao estudar a coleção anônima do Eusébio Gaulês, Bailey afirma que, embora existisse o risco de heresia ou de pregação inadequada e que tais coleções inclinassem a uma natureza conservadora, o *plagiarismo*, o *formalismo* e o *anonimato* de tais coleções não devem servir ao descarte por parte de historiadores exageradamente preocupados com a originalidade ou espontaneidade.⁴² Vale lembrar que, à época, pregadores como Ambrósio⁴³ e Agostinho admitiam a leitura de sermões de outrem pelos bispos:

Certamente, existem homens capazes de pronunciar muito bem um discurso, mas incapazes de o compor. Se eles tomam de outros um discurso escrito com sabedoria e eloquência, e tendo-o aprendido de cor, pronunciam-no diante do povo, não fazem nada de repreensível. Com efeito, por esse meio, que é incontestavelmente útil, muitos se tornam pregadores da verdade, sem que existam para isso muitos doutores.⁴⁴

Além disso, alguns bispos ocidentais dedicaram-se efetivamente à difusão de coleções de sermões – dentre os quais Cesário, como veremos –, atentos às respectivas necessidades de seus episcopados. Assim, concordando com Bailey, nos parece que a difusão de sermões apócrifos ou de anônimos não deva diminuir a atenção historiográfica aos sermões do período, uma vez que para seus próprios autores a questão da originalidade não seria tão premente – ao menos diante do esforço maior de institucionalização.

Esse objetivo, de permitir a pregação e também controlar seu conteúdo, alimentou a proliferação de homiliários. Estes eram coleções de sermões modelares. Bispos os reuniam com seus escritos e com os sermões patrísticos, ou comissionavam cópias de coleções preexistentes, que distribuíam sobre o clero sob seu cuidado. Durante o mesmo período, escribas também estavam compilando e consolidando outras partes da herança eclesiástica em *florilegia*, lecionários, comentários, antologias, capitularias, e coleções de cânones conciliares. Eles estavam moldando o passado cristão e o transformando em um manual para o futuro. Nestes esforços residem os princípios de uma tradição intelectual e as bases necessárias ao desenvolvimento da Igreja.⁴⁵

⁴² BAILEY, Lisa. *Christianity's Quiet Success...*, *Op. Cit.*, p. 21-5.

⁴³ AMBRÓSIO, *De Officiis*, I.9.27-9.

⁴⁴ AGOSTINHO, *De Doctrina Christiana* IV, 30.62, p. 274-5. Ao que parece, porém, o bispo africano admitia que a disponibilidade de um texto poderia inibir a pregação “improvisada” – a qual Agostinho parece preferir. *De Catechizandis Rudibus*, XI.16.

⁴⁵ “This goal, of enabling preaching but also controlling its content, fuelled the proliferation of homiliaries. These were collections of model sermons (...). Bishops put them together from their own and from patristic sermons, or commissioned copies of preexisting collections, which they distributed to clergy under care. (...)(...) During this same period, scribes were also compiling and consolidating other parts of the Church’s intellectual heritage in *florilegia*, lectionaries, commentaries, anthologies, capitularies, and collections of Church council canons. They were molding the Christian past and turning into a handbook for the future. In these efforts lay the beginnings of an intellectual tradition and the necessary basis for the development of a Church”. BAILEY, Lisa. *Christianity's Quiet Success...*, *Op. Cit.*, p. 26 (tradução nossa).

Pregação e Liturgia

No que se refere à pregação na Primeira Idade Média, pesquisadores entendem que, embora se desdobre em um dado contexto ritualístico, a liturgia e a pregação são dimensões distintas nesse mesmo contexto. Como vimos, McLaughlin considera o crescente distanciamento entre a liturgia e a pregação: à medida que a primeira se torna cada vez mais ornamentada sobra ainda menos espaço para a última, caracterizada nos primeiros tempos cristãos pelo improviso e pela criatividade.⁴⁶ A maioria, no entanto, prefere associá-las.⁴⁷ Seguindo a *teoria da performance*, Kienzle afirma que: “Observa-se que o sermão, tanto pertencendo quanto diferindo de seu contexto litúrgico, deseja ser eficaz e transformador”.⁴⁸

No contexto gálico, diversos autores preferem considerar a inscrição da pregação no contexto ritualístico – das missas, por exemplo –: neste sentido, os indícios litúrgicos em sermões de Cesário são frequentemente empregados como recurso para auxiliar a descrição das etapas de execução da liturgia “galicana”.⁴⁹ Em todo caso, se observa que, no Ocidente, a formulação de livros litúrgicos era, ao menos até meados do século VI, embrionária:⁵⁰ assim, admite-se que, somado às atas conciliares, os sermões são *loci* preferencial para o estudo indiciário das liturgias no período.

Pregação e Performance

De acordo com Beverly Kienzle,⁵¹ embora os sermões pudessem ser lidos para fins de leitura privada – especialmente em fins da Idade Média –, o gênero predical permanecia, em essência, oral e performativo.⁵²

⁴⁶ Como afirma, no Oriente, embora o gênero literário *sermão* tenha se mantido, a pregação também foi excluída da liturgia e só recentemente – e de modo facultativo – acrescentada ao final da missa. MCLAUGHLIN, E. *The Word Eclipsed?...*, *Op. Cit.*, p. 102.

⁴⁷ Por exemplo, ALLEN, Pauline, MAYER, Wendy. *Computer and Homily...*, *Op. Cit.*, p. 267-9.

⁴⁸ “one observes that the sermon, both belonging to and differing from its liturgical/ritual context, desires to be efficacious and to transform”. KIENZLE, B. M. *Medieval Sermons and their Performance...*, *Op. Cit.*, p. 92 (tradução nossa).

⁴⁹ BECK, Henry. G. J. *The pastoral care of souls in South-East France during the sixth century*. Roma: Pontificae Universitatis Gregoriana, 1950; BAILEY, Lisa. *Christianity's Quiet Success...*, *Op. Cit.*, p. 16-25. Vale lembrar ainda que Klingshirn associa a pregação à liturgia no desenvolvimento de seu argumento: KLINGSHIRN, William. *Caesarius of Arles...*, *Op. Cit.*, p. 146-71.

⁵⁰ A *eucologia* – a saber, a formulação de orações – encontrava-se ao menos até meados do século VII predominantemente marcada pelo improviso: o primeiro *libellum missarum* hoje conhecido remonta à compilação organizada pela diocese romana. As demais obras – *ordos*, *sacramentos*, *missais*, *pontificais* entre outros – remontam a períodos posteriores. DALMAIS, I-H., PELLEGRINO, M., TRIACCA, A. et alli. Liturgia. In: DI BERARDINO, Angelo (org.). *Dicionário Patrístico de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 833-49; OLD, Hughes. *The Reading and Preaching of the Scriptures...*, *Op. Cit.*, p. 143-84; BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006. p. 306.

⁵¹ KIENZLE, Beverly M. *The Typology of the medieval Sermon...*, *Op. Cit.*, p. 85-6.

Para Kienzle, as *teorias modernas da performance* contribuíram para aguçar a percepção de que a pregação se inscreve em um ambiente em que o pregador é um agente autorizado, um “porta-voz”. Trata-se de ‘oratória formal em um contexto religioso’,⁵³ sujeita aos ditames de uma relação (não intencionalmente) *dialógica* entre o pregador e os fiéis.⁵⁴ Afirmando a prevalência do pregador em uma relação pretensamente monológica, Agostinho dizia:

nas pregações (...) é preciso cuidar sem interrupção de se fazer compreender. Isso porque nas conversas cada um pode propor perguntas. Ao contrário, onde todos se calam para escutar um só, e voltam para ele o olhar atento, nem o uso nem a conveniência permitem a alguém pedir explicações sobre o que não compreendeu. (...). Ordinariamente, o povo na sua avidez de entender costuma dar demonstração, por seus movimentos, de que compreender. Até que assim manifestem, é preciso voltar ao assunto.⁵⁵

Neste sentido, a eficácia da performance predical é frequentemente comparada – e confrontada – ao entretenimento.⁵⁶ Os supracitados “textos fundadores” da pregação medieval refletiram sobre tal eficácia, delineando posturas, gestos e modos de fala que deveriam ser seguidos pelos pregadores.⁵⁷ Definindo os “ofícios” de Cícero aos propósitos cristãos, Ambrósio afirmava:

A primeira tarefa então é ter a medida adequada em nosso discurso. Dessa forma um sacrifício de adoração é oferecido a Deus; então um temor divino é exposto quando as sagradas Escrituras são lidas; um homem sábio, pretendendo falar, primeiro considera cuidadosamente o que tem a dizer, e a quem ele vai dizer; também aonde e em que momento.

⁵² Concordando com a premissa de Kienzle, Bailey complementa afirmando tratar-se de um gênero “altamente persuasivo” (tradução nossa). BAILEY, Lisa. *Christianity’s Quiet Success...*, *Op. Cit.*, p. 160, nota 82. Conferir. “These Are Not Men”: Sex and Drink in the Sermons of Caesarius of Arles. *Journal of Early Christian Studies*, Baltimore, v.15, n. 1, p. 28, nota 25, 2007; Como argumenta Shaw, a pregação se amparava largamente em cantos, hinos, ritmos e gritos – dos quais se depreende a importância dos *salmos*. SHAW, B. *Op. Cit.*, p. 409-11, 440.

⁵³ KIENZLE, B. M. *Medieval Sermons and their Performance...*, *Op. Cit.*, p. 94-5 (tradução nossa).

⁵⁴ BAILEY, Lisa. *Christianity’s Quiet Success...*, *Op. Cit.*, p. 16-8.

⁵⁵ AGOSTINHO, *De Doctrina Christiana* IV, X.25, p. 231.

⁵⁶ Este último, como veremos, associado às arenas e, em especial, ao teatro. SHAW, B. *Op. Cit.*, p. 414.

⁵⁷ Quirogas Puertas demonstra que, desde Paulo e, especialmente a partir do século IV, a performance predical passou gradualmente a se articular com a constituição da ortodoxia, tais como se observa nos escritos de Eusébio de Cesareia, Gregório Nazianzeno, Ambrósio, Jerônimo, Crisóstomo, que denunciavam a prédica e os gestos de seus inimigos como ‘cínicos’, ‘sofistas’, ‘teatrais’ ou como mero ‘charlatanismo’. QUIROGA PUERTAS, Alberto. *Preaching and mesmerizing: The Resolution of Conflicts in Late Antiquity*. In: FEAR, Andrew, FERNÁNDEZ UBIÑA, José, MARCOS, Mar (ed.). *The role of the Bishop in Late Antiquity: Conflict and Compromise*. Londres, Nova Déli, Nova York, Sidney: Bloomsbury, 2013. p. 189-208.

A voz, também, não pode ser lânguida, nem frágil, nem afeminada em seu tom. Deve preservar certa qualidade, e ritmo, e vigor masculino. Essa é a melhor ordem para os movimentos, esse é o tratamento adequado para cada ação. Mas assim como não posso aprovar um tom de voz fraco ou suave, ou um gesto corporal afeminado, também não posso aprovar o que é rude e rústico. Sigamos a natureza. Sua imitação nos provê com um princípio de treinamento, e nos dá um padrão de virtude.

Nosso discurso não deve ser muito extenso, bem muito breve, pelo temor de que o primeiro deixe um sentimento de aversão, e o último produza descuido e negligência. A missiva deve ser pura e simples, clara e evidente, cheia de peso e dignidade; não deve ser estudiosa nem muito refinada, nem tampouco, ao contrário, desagradável e dura em estilo.⁵⁸

Embora admitisse que, ocasionalmente, as piadas pudessem servir adequadamente ao pregador,⁵⁹ Ambrósio afirmava que este deveria evitar a postura teatral.

Falando da voz, certamente acho que deve ser plena e clara. Deixai-lha distinta em sua pronúncia e cheia de vigor masculino, mas deixai-lha livre de um duro e rústico vibrar. Atentai, ainda, para que não assuma um ar teatral, mas que se mantenha verdadeira ao sentido das palavras que se pronunciam.⁶⁰

Agostinho, concordando com a necessidade de uma leitura convincente e adequada à pregação,⁶¹ reconhecia que o discurso *temperado/florido* – isto é, que visava agradar – era menos fundamental do que os discursos *simples/demonstrativo* e *sublime/patético*, que buscavam respectivamente explicar e comover.⁶² Assim, parece que para estes autores seria premente dissociar o discurso predical da performance teatral, considerada afetada e sem propósito. Sob a ótica da *teoria da performance*, a pregação seria mais ritual e efetiva do que propriamente um meio de entretenimento, além seu propósito ser moral e religioso.⁶³

Kienzle expõe que, necessariamente, tais ditames eram transgredidos, resultando em inesperados êxitos ou, ao contrário, fracassos, como se observa por indí-

⁵⁸ AMBRÓSIO DE MILÃO. *De Officiis*, I, 10.35; 19.84; 22.99-101 (tradução nossa); conferir II, 19.96; 112.22.

⁵⁹ Idem, *De Officiis*, I, 23.102-3 (tradução nossa).

⁶⁰ Idem, *De Officiis*, I, 23.104 (tradução nossa). Neste trecho, Ambrósio afirma que a *performance moral* do pregador deveria se distinguir da performance teatral, estéril. Conferir: GREGÓRIO DE ROMA. *Regula Pastoralis*, 28 e 64.

⁶¹ AGOSTINHO, *De Doctrina Christiana* IV, VII.21. Em trecho anterior, o autor apresentava um exercício de *modulação de voz* (Ibidem, VII.18-9).

⁶² Ibidem, XXIV.52, XXVI.55.

⁶³ KIENZLE, B. M. *Medieval Sermons and their Performance...*, Op. Cit., p. 92-3, 95-7. A mesma autora nos lembra ainda que, na Baixa Idade Média, paradoxalmente, tal *moderatio* na pregação seria aconselhada por meio de uma prática típica do teatro, qual seja, o *ensaio*. Estes manuais diziam ainda que aquele que fosse menos capaz deveria se deter nas técnicas, ao passo que os mais capacitados poderiam, eventualmente, contar piadas para quebrar o enfado. Ibidem, p. 98-102.

cios dos sermões ou de crônicas.⁶⁴ De fato, Agostinho pareceu impressionado com uma de suas pregações, que causou comoção à população de Cesareia da Mauritânia (ca. 418):

Assim, um dia (...), eu falava para levar os cidadãos a desistirem de uma guerra civil, (...) por eles chamada a Caterva. Consistia em combates por bandos. (...). Falei, naturalmente, em estilo sublime, o melhor possível, para tirar e banir de seus corações e de sua vida, por minhas palavras, um mal tão cruel e inveterado. Entretanto, não acreditei no sucesso até que entendi suas aclamações. E não acreditei nestas enquanto não vi se derramarem as lágrimas. Suas aclamações indicavam que tinham sido instruídos e comovidos.⁶⁵

Outros elementos que deveriam ser considerados na performance eram a atenção à composição da audiência⁶⁶ – quase sempre, composta de fiéis e clérigos, dentre os quais poderia haver monges⁶⁷ – e, em especial, a disponibilidade de tempo.⁶⁸

Pregação e retórica

A pregação era mediada ainda pelo uso – ou, ao contrário, recusa – de técnicas retóricas.⁶⁹ Destaca-se, assim, uma atitude ambivalente, na qual predominasse, mesmo entre os defensores eclesiais da retórica, a análoga ideia de que o pensa-

⁶⁴ Assim, além de pregações abaixo da crítica, Kienzle destaca casos de pregações da Idade Média Central ou Baixa que levaram a cruzadas; combate aos hereges; condenações ou, ao contrário, suspensões de penas; lágrimas; cuja potência seria amplificada por gestos visuais ou milagres. *Ibidem*, p. 103-4, 112-20.

⁶⁵ AGOSTINHO, *De Doctrina Christiana* IV, XXV.53. p. 265-6. O sermão hoje está perdido. Como veremos, especialmente no caso de Cesário, dificuldades se assomavam: notório por sua habilidade predical, passou por situação inversa à de Agostinho, tendo que ordenar que os portões da cátedra fossem fechados, de modo a evitar o êxodo de fiéis.

⁶⁶ Quanto à pregação na Primeira Idade Média, vale citar um dos primeiros trabalhos a atentar para este aspecto: a saber, o artigo de Ramsay McMullen publicado na *Journal of Theological Studies* (1989) que, além de tomar os sermões de Agostinho como referência, abordava ainda a prédica de Zenó de Bréscia, Basílio de Cesareia e, em especial, João Crisóstomo, concluindo que, para além da complexidade de sua composição, a maioria de seus ouvintes provinha dos altos estratos sociais. Desde então, tais assertivas foram relativizadas por pesquisadores como Rousseau (1998) e Mayer (1997-1999), que passaram a atentar, dentre outros, para a importância da *gendrificação do espaço* em tais sermões. MACMULLEN, Ramsay. *The Preacher's Audience (A.D. 350-400)*, *Journal of Theological Studies*, Oxford, v. 40, p. 503-11, 1989; SHAW, B. *Op. Cit.*, p. 410, nota 5.

⁶⁷ Gregório Magno discutiu amplamente o modo de abordar públicos diversos e, ao mesmo tempo, não cair em contradição. GREGÓRIO DE ROMA. *Regula Pastoralis*, 23-64. Agostinho, por sua vez, considerava que certos temas deveriam ser reservados a público seletivo, ou mesmo não discutidos. AGOSTINHO, *De Doctrina Christiana* IV, VIII-IX, 22-3.

⁶⁸ AMBRÓSIO. *De Officiis*, I. 10.34; AGOSTINHO, *De Catechizandis Rudibus*, VII.11.

⁶⁹ Vale destacar uma vez mais a importância da pesquisa de Cameron acerca deste aspecto. Precisamente, pelo fato de considerar a *multiplicidade*, a *ambivalência* e o caráter *inclusivo* do(s) discurso(s) cristão(s), a autora entende que as considerações que os autores patrísticos fizeram acerca das técnicas e obras retóricas em seu sentido estrito foram apenas parte de uma composição *discursiva* tanto mais ampla – a qual não propomos neste artigo. CAMERON, A. *Op. Cit.*

mento e as ações cotidianas do pregador contavam mais do que sua técnica retórica, assim como no caso de sua performance.⁷⁰ Ambrósio, em toda a sua obra *De Officiis*, defendia a premissa de que as virtudes que os pensadores antigos atribuíam aos *officium publicum* – dentre as quais a retórica – seriam antecipadas com perfeição nas Escrituras. Assim como os gestos excessivos, execravam-se os floreios retóricos:⁷¹ Gregório Magno, por exemplo, condenava a prolixidade e a desordem causados pela eloquência.⁷²

Retórico antes de se tornar eclesiástico, mesmo Agostinho não considerava que todos os clérigos devessem se dedicar ao estudo de tais técnicas: cabia somente aos jovens que não tivessem outras incumbências mais urgentes a fazer – e, em todo modo, aprenderiam melhor se observassem grandes pregadores em ação, segundo o bispo africano.⁷³ Por certo, a maioria dos eclesiásticos concordava em tirar proveito da *retórica*,⁷⁴ desde que domesticada pelas Escrituras. O bispo africano justificou seu uso – assim como o de toda a erudição pagã – através de uma significativa passagem. Ao citar dois trechos do livro do Êxodo,⁷⁵ Agostinho afirma:

Verificamos que os egípcios não apenas possuíam ídolos e impunham pesados cargos a que o povo hebreu devia abominar e fugir, mas tinha também vasos e ornamentos de ouro e prata, assim como quantidade de vestes. Ora, o povo hebreu, ao deixar o Egito, apropriou-se, sem alarde, dessas riquezas, na intenção de dar a elas melhor emprego. E não tratou de fazê-lo por própria autoridade, mas sob a ordem de Deus. (...) Ora, dá-se o mesmo em relação a todas as doutrinas pagãs. Elas possuem, por certo, ficções mentirosas e supersticiosas, (...), que cada um de nós, sob a conduta de Cristo, (...), deve rejeitar e evitar com horror. Mas eles possuem, igualmente, artes liberais, bastante apropriadas ao uso da verdade e ainda alguns preceitos morais muito úteis. (...), encontramos nos pagãos algumas coisas verdadeiras. (...) Quando, porém, alguém se separa, pela inteligência, dessa miserável sociedade pagã, tendo-se tornado cristão, deve aproveitar-se dessas verdades, em uso justo, para a pregação do evangelho.⁷⁶

⁷⁰ Ibidem, XXV.53, XXVIII.59-60; GREGÓRIO DE ROMA. *Regula Pastoralis*, 15. 2, cf. 13, 44, 48, 64.

⁷¹ KIENZLE, B. M. *Medieval Sermons and their Performance...*, *Op. Cit.*, p. 98.

⁷² GREGÓRIO DE ROMA. *Regula Pastoralis*, 15.

⁷³ AGOSTINHO, *De Doctrina Christiana* IV, III.4; Idem, *De Catechizandis Rudibus*, XV.23.

⁷⁴ Vide AGOSTINHO, *De Doctrina Christiana* IV, XII.27-XXXII.64, no qual apresenta inclusive exemplos de estilos retóricos por Ambrósio (XX.46,48). Conferir: CAPLAN, H. *Classical Rhetoric...*, *Op. Cit.*, p. 81-4.

⁷⁵ Ex. 3:22; 12:35-6. Conferir: GORGULHO, Gilberto da S., STORNILOLO, Ivo, ANDERSON, Ana F. *Bíblia de Jerusalém* (BJ). São Paulo: Paulus, 2006. p. 107, 119.

⁷⁶ AGOSTINHO, *De Doctrina Christiana* II, XLI.60. p. 144-5.

Pregação e sermões

Nas últimas décadas, um dos âmbitos nos quais as pesquisas acerca do tema mais tem se interessado remete ao crescente entendimento da existência de uma *lacuna* entre o desempenho oral, performático e retórico dos pregadores e a materialização *escrita* que nos chegou, qual seja, os sermões/homílias.⁷⁷ Ao lado de autores como Amos, Hall – que procuraram, sobretudo, definir os sermões dos primórdios medievais⁷⁸ –, Kienzle e a própria Muessig nos parecem ter oferecido as definições mais amplas e maleáveis acerca dos sermões e de suas relações com a pregação.⁷⁹

Muessig, considerando que tais escritos abarcaram diferentes estilos e gêneros, acredita ser difícil estabelecer *precisamente* o que seria um sermão.⁸⁰ Noções correlatas como as de *sacerdote*, *escrituras* e *pregação* eram, igualmente, flexíveis.⁸¹ Hoje a maioria dos pesquisadores considera ainda que a distinção contemporânea entre *sermão* e *homília* era menos relevante aos autores do período.⁸²

Deste modo, atentos a tais considerações, sobretudo à relação entre *pregação* e *sermão/homílias*, podemos seguir a definição de Hall, que entende que:

A mais importante dessas distinções em uso hoje afirma que o sermão é, fundamentalmente, um discurso catequético ou admoestatório construído sobre um tema ou tópico não necessariamente amparado na Escritura, enquanto a homília é uma sistemática exposição de uma perícopes (uma passagem litúrgica designada da Escritura, geralmente de um Evangelho ou Epístola) que procede em acordo

⁷⁷ Carolyn Muessig oferece um panorama das perspectivas metodológicas acerca de tal questão. MUESSIG, Carolyn. *Sermon, Preacher...Op. Cit.*, p. 76-8. Conferir: KIENZLE, Beverly M. *The Typology of the medieval Sermon...*, *Op. Cit.*, p. 84.

⁷⁸ AMOS, Thomas. *The Early Medieval Sermons and their Audience*. In: HAMESSE, J., HERMAND, X. (org.). *De L'Homélie au Sermon...*, *Op. Cit.*, p. 1-14; Conferir: HALL, Thomas N. *The early medieval sermon*. In: KIENZLE, Beverly (ed). *The Sermon. (Typologie des Sources du Moyen Age Occidental, 81-83)*. Turnhout: Brepols, 2000. p. 203-69.

⁷⁹ Em parte, seguindo o entendimento de Amos e de Hall, sobretudo do segundo. As considerações de Amos nos parecem razoáveis para avaliar especificamente a pregação *gálica*: embora pertinentes, suas observações, pautadas sobretudo nos sermões de Cesário, não podem contudo ser generalizadas.

⁸⁰ MUESSIG, C. *Preacher, Sermon and Audience...*, *Op. Cit.*, p. 3.

⁸¹ MCLAUGHLIN, E. *The Word Eclipsed?...*, *Op. Cit.*, p. 79-, nota 8, p. 111-2.

⁸² MUESSIG, Carolyn. *Sermon, Preacher...Op. Cit.*, p. 76; BAILEY, Lisa. *Christianity's Quiet Success...*, *Op. Cit.*, p. 150, nota 1. Allen e Mayer mencionam os escritos de João Crisóstomo apenas como *homílias*. ALLEN, Pauline, MAYER, Wendy. *Computer and Homily...*, *Op. Cit.* Conferir: DE REU, Martine. *Divers chemins pour étudier un sermon*. In: HAMESSE, J., HERMAND, X. (org.). *De L'Homélie au Sermon...*, *Op. Cit.* p. 331-2, 337; KIENZLE, Beverly. *The Typology of the medieval Sermon...*, *Op. Cit.*, p. 85, 87. A maioria destes autores reconhece ainda a confluência dos sermões/homílias e outros escritos de época, tais como *tratados*, *epístolas* e *comentários*, que se influenciam mutuamente. Tal seria, portanto, uma das vantagens e das desvantagens desse tipo de documentação.

com um padrão de *lectio continua*, comentando uma dada passagem verso por verso ou frase por frase.⁸³

De acordo com Kienzle, em sua estreita correlação com a pregação, ainda que em alguns casos possa-se entrever a supracitada relação *dialógica* entre autor e audiência – premida por um termo, como vimos, persuasivo –, o sermão quase sempre projeta seu elemento monológico, proferido por uma *autoridade religiosa* e de viés de sentido único. Como dito, quase sempre envolve temas de relevância moral ou de fé aos fiéis, cujo uso das Escrituras variava de acordo com o talento ou os propósitos do pregador.⁸⁴

Diante desta tensão entre o texto escrito e sua performance predical, algumas observações devem ser lembradas: certamente houve pregação sem sermão, assim como sermões lidos introspectivamente.⁸⁵ Kienzle nos lembra também que alguns sermões circularam em uma ou mais versões, além de citar a existência das *reportationes* – qual seja, sermões que eram redigidos por estenógrafos simultaneamente à pregação – e, ainda, que alguns sermões nunca devam ter sido efetivamente pregados, tratando-se, nesse caso, de projeções ficcionais.⁸⁶

Outro aspecto pertinente, em nosso caso, refere-se ao momento de transformação da pregação em sermão: o segundo sucedia ou antecipava o primeiro? A resposta variava de acordo com o contexto predical de cada prelado. Cabe lembrar ainda das mediações entre um pregador *letrado* e uma plateia *iletrada*: ainda que em nosso período de estudo a espinhosa questão das traduções latim-vernaculares dos sermões⁸⁷ não seja posta – uma vez que se considera que no Ocidente, então, a língua

⁸³ “The most important such distinction in use today holds that a *sermon* is fundamentally a catechetical or admonitory discourse built upon a theme or topic not necessarily grounded in Scripture, whereas a *homily* is a systematic exposition of a pericope (a liturgically designated passage of Scripture, usually from a Gospel or Epistle) that proceeds according to a pattern of *lectio continua*, commenting on a given passage verse by verse or phrase by phrase”. HALL, Thomas N. *The early medieval sermon...*, *Op. Cit.*, p. 207 apud MUESSIG, Carolyn. *Sermon, Preacher...* *Op. Cit.*, p. 77 (tradução nossa).

⁸⁴ KIENZLE, Beverly. *The Typology of the medieval Sermon...*, *Op. Cit.*, p. 84. McLaughlin nos lembra da estória contada por Cesário de Heisterbach acerca de um pregador que, tendo conhecido apenas a Missa da Virgem Maria, a recitava em qualquer ocasião. MCLAUGHLIN, E. *The Word Eclipsed?...*, *Op. Cit.*, p. 111.

⁸⁵ MUESSIG, Carolyn. *Sermon, Preacher...* *Op. Cit.*, p. 78.

⁸⁶ KIENZLE, Beverly. *The Typology of the medieval Sermon...*, *Op. Cit.*, p. 85-6.

⁸⁷ MUESSIG, Carolyn. *Sermon, Preacher...* *Op. Cit.*, p. 78; KIENZLE, Beverly. *The Typology of the medieval Sermon...*, *Op. Cit.*, p. 87; *Medieval Sermons and their Performance...*, *Op. Cit.*, p. 110.

falada seria o latim com gradações regionais e sociais –,⁸⁸ admite-se que certas construções frasais seriam em larga medida inacessíveis à massa de fieis.⁸⁹

A pregação em Cesário de Arles (502-542)⁹⁰

Considerando as mudanças qualitativas pelas quais a pesquisa histórica dos sermões medievais passou nas últimas décadas – sobretudo no que tange à Primeira Idade Média –, nossa proposta nesse trecho é considerar a pregação de Cesário sob o prisma dos aspectos recentemente elencados como pertinentes.

Assim, após a contextualização de seu episcopado, atentando ao seu processo de formação intelectual, aos vínculos institucionais que o sustentaram e às suas propostas litúrgicas, apresentamos uma *análise do conteúdo*⁹¹ detida nos seguintes temas: *performance, audiência, papel do pregador e da atividade predical*.

O bispado de Cesário em Arles esteve inscrito em um amplo esforço pela regulamentação *litúrgica* – como se observa especialmente nas atas conciliares de Agde (CA, 506) e Vaison (CV, 529) – e *doutrinal* do sul da Gália – como visto nas atas do concílio de Orange (CO, 529). Sob sua presidência, estes concílios decidiram pela uniformização de diversos ritos, em crescente associação com a diocese romana: tal associação parece repercutir ainda nas decisões conciliares de Orange, que visavam ainda à supressão da propalada controvérsia do *semipelagianismo* que marcava o ambiente episcopal do sul da Gália desde meados do século anterior e que era combatido pela sede itálica.

⁸⁸ E o sermão apresentaria essa língua quase sempre em versão formalizada. BAILEY, Lisa. *Christianity's Quiet Success...*, *Op. Cit.*, p. 19-20. Embora Clark e Shaw nos lembrem que tanto Agostinho quanto Crisóstomo tenham enfrentado dificuldades no diálogo com audiências versadas em *puni* e *siriaco*, respectivamente. CLARK, E. Pastoral Care..., *Op. Cit.*, p. 267-9; SHAW, B. *Op. Cit.*, p. 427-33.

⁸⁹ Seja por floreio ou por questões fonéticas. *Ibidem*, p. 24. Conferir: AGOSTINHO, *De Doctrina Christiana* IV, III.5; X.24.

⁹⁰ Aqui, as principais fontes citadas são os sermões de Cesário (*sc.*) e a *Vita Cesarii* (VC), esta redigida por diversos eclesiásticos de seu *milieu*, especialmente Cipriano, bispo de Toulon menos de uma década depois da morte do prelado de Arles. Os trechos citados nesta seção são traduções nossas derivadas da utilização das seguintes edições – para os sermões: Ed. German Morin. *Caesarii Arelatensis: Sermones. Corpus Christianorum, Serie Latina*, v. 103-4. Turnhout: Brepols, 1953; Ed. Mary Mueller. *Caesarius of Arles: Sermons: fathers of the Church*, v. 31, 47, 66. Washington: Catholic University of America, 1964-1973; para a *Vida* de Cesário: Ed. William Klingshirn. *TheLife, Testament and Letters of Caesarius of Arles: translated texts for historians*. Liverpool: Liverpool University, 1994. p. 9-65. As atas conciliares de Agde e Vaison-Orange (ambos de 529) podem ser encontradas em: para Agde, Ed. C-J. Hefele e H. Clerc. *Histoire des conciles d'après les documents originaux (v. II, t. II)*. Paris : Letouzey et Ane, 1907-1949. p. 973-1004; para Vaison e Orange, Ed. Jean Gaudemet e Brigitte Basdevant. *Les Canons des Conciles Mérovingiens (VI – VII siècles)*. Paris : Du Cerf, 1989. p. 154-93.

⁹¹ BARDIN, Laurence. *Análise do Conteúdo*. Lisboa: Ed. 70, 1997; CARDOSO, Ciro. F., VAINFAS, Ronaldo. História e Análise de Textos. In: CARDOSO, C. F., VAINFAS, R. (org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 534-48. Concordamos com Cameron sobre a possibilidade do uso de referenciais 'tradicionais' da análise textual somado às preocupações que surgiram mais recentemente no campo de estudo dos sermões medievais. CAMERON, A. *Op. Cit.*, p. 3.

Complementando diversas decisões litúrgicas tomadas no concílio de Agde – e estreitando a associação com a diocese romana (CA, c. 3-5) – as decisões conciliares de Vaison envolveram mais diretamente o reclame à *extensão do direito predical aos párocos rurais* (CV, c. 2), atrelada à educação de jovens *lectores* junto às tais paróquias (c. 1). Por uma razão – ou por ambas – as atas conciliares de Vaison provocaram ressentimento entre os bispos da região, o que se verifica pela baixa adesão de bispos signatários.⁹²

Para além das atas conciliares e dos sermões, outros dos diversos escritos atribuídos ao bispado de Cesário⁹³ o colocam como um dos grandes sorvedouros de informação sobre as práticas litúrgicas, o ambiente eclesial gálico e, sobretudo, a pregação na região. De fato, autores como Beck, Délage e Klingshirn⁹⁴ contrapuseram o *corpus* cesariano à relativa ênfase que se então se dava aos escritos de Gregório de Tours para abordar este tema. A julgar pela opinião de Lisa Bailey, que nos últimos anos vem se dedicando ao estudo dos sermões gálicos, as homilias de Cesário já se encontram plenamente assentadas como referência.⁹⁵

Assim, atentos à estreita correlação entre *liturgia e pregação*, tomando os sermões – bem como as atas conciliares e a hagiografia do bispo – como referência, podemos considerar que: **a)** o bispado de Cesário concorreu para a *ampliação e regulação do serviço litúrgico* em Arles e arredores; **b)** ao mesmo tempo, ocorreu uma profusão de *coleções de sermões (sc.)*, correlata à *tentativa de extensão da pregação aos párocos rurais*.

Parece razoável associar o *mosteiro de Lérins* – no qual Cesário teria se hospedado (ca. 488-499) – como o cerne de suas propostas litúrgicas e prediais (VC. I.6).⁹⁶

⁹² Entendemos que tal vinculação com a diocese de Roma se deveu ao estreitamento de relações entre a sede de Arles e a romana, quando do período em que os Ostrogodos dominavam as duas regiões (508-536): neste caso, ao mesmo tempo em que demandava ajudava da diocese itálica em querelas com clérigos do sul da Gália – obtendo quase sempre apoio romano –, Cesário apresentava-se como principal porta-voz dos interesses da referida sede na mesma região. SILVA, Paulo D. 2009. *Ciclo pascal e normatização litúrgica no século VI: análise comparativa dos casos de Arles e Braga*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. p. 82-6. Sobre a controvérsia *semipelagianista*, conferir: BAILEY, Lisa. *Christianity's Quiet Success...*, *Op. Cit.*, p. 8-10. Vale lembrar que as duas primeiras atas de Vaison foram esporadicamente copiadas em algumas coleções canônicas e em sínodos carolíngios. MCLAUGHLIN, E. *The Word Eclipsed?...*, *Op. Cit.*, p. 79-81.

⁹³ Especialmente a VC. Além desta, ressaltamos a influência que textos como os *Statuta Ecclesiae Antiqua* (SEA) – escrito de autoria anônima redigido na Gália entre fins do séc. IV e inícios do V – e o *De Vita Contemplativa* (DVC), de Juliano Pomério, tiveram sobre a ação pastoral e predical de Cesário. KLINGSHIRN, William. *Caesarius of Arles...*, *Op. Cit.*, p. 75-82.

⁹⁴ BECK, Henry. G. J. *The pastoral care of souls...*, *Op. Cit.*; DÉLAGE, Marie-José. Introduction. In: (ed.). *Césaire d'Arles: Sermons au peuple, tome I (Sermons 1-20)*. *Sources Chrétiennes*, v. 175. Paris: Du Cerf, 1971. p. 13-208; KLINGSHIRN, William. *Caesarius of Arles...*, *Op. Cit.*, p. 1-15.

⁹⁵ De fato, Bailey toma como objetivo contrapor os sermões de Cesário à coleção do Eusébio Gaulês, até então pouquíssimo explorada. BAILEY, Lisa. *Christianity's Quiet Success...*, *Op. Cit.*, p. 1-2.

⁹⁶ Aos quais se somam a referida obra do retórico Juliano Pomério e com o *Statuta Ecclesiae Antiqua*, com os quais Cesário teve contato após sua estadia em Lérins – já em Arles, no período prévio à sua ascensão episcopal (ca. 498-502).

Dínamo maior das forças criativas do sul da Gália no período,⁹⁷ referido mosteiro constituía, já no século V, não somente uma referência ascética e literária à região, bem como consagrava a figura do bispo que percorria, previamente, a carreira monástica, então de grande apelo na região.⁹⁸

De acordo com o relato hagiográfico, Cesário teria continuado a manter práticas monásticas mesmo após a ordenação no clero secular arlesiano (VC. I.11).⁹⁹ A decisão de Cesário pela manutenção destas práticas teria ampliado o serviço litúrgico disposto à cidade e aos arredores e, com isso, também a pregação conduzida pelo bispo. Diz-se mesmo que Cesário pregava a cada domingo e dia festivo (VC, I.59; sc. 118; 76).

Sob influência do profeta Isaías,¹⁰⁰ bem como das obras de Agostinho, Ambrósio e Juliano Pomério e dos *Statuta Ecclesiae Antiqua* – que, é sabido, consideravam que mais importante o ‘exemplo’ do que a retórica ou oratória –,¹⁰¹ Cesário costumava pregar em alto e bom som (VC.I.54),¹⁰² variando suas expressões faciais e gestuais de acordo com o conteúdo da mensagem ou a disposição da audiência (VC.I.17).¹⁰³ Dentre outros, Klingshirn e Bailey acreditam que sua pregação não devesse passar de meia hora (sc. 76.3), considerando que assim se mantinha a atenção da audiência (sc. 195.4) e que se encorajava a participação dos mais pobres e que precisavam trabalhar (sc. 76.3; 91.8; 100.1B), além de se facilitar a memorização da mensagem (sc. 22.1, 23.2; cf. s. 36.1; 19.6; 158.6; cf. VC.I.61).¹⁰⁴

Composta de mulheres e homens de diversas classes sociais, além de clérigos e, eventualmente, monges, sua audiência nem sempre compartilhava tamanho entusiasmo: fofocas, falatório, flerte, condução de negócios eram eventualmente denunciados durante a pregação do bispo (sc. 13.3; 50.3; 55; 72.1-3; 76.2; 77.7; 78.1; 80.1). O comportamento dito inadequado da audiência – reclinando quando devia ficar de

⁹⁷ DALY, William M. *Caesarius of Arles: a precursor to medieval Christendom. Traditio*, Nova York, v. 26, p. 5, 1970.

⁹⁸ MARKUS, Robert. *O fim do cristianismo antigo*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 198-210; SILVA, Paulo *Ciclo pascal e normatização litúrgica...*, *Op. Cit.*, p. 50-4.

⁹⁹ Sabe-se que a propalada figura do “monge-bispo”, embora bastante característica do sul da Gália, não era a única que pregava à época na região. KLINGSHIRN, William. *Caesarius of Arles...*, *Op. Cit.*, p. 146-7.

¹⁰⁰ Lisa Bailey fala em “autoconsciência profética” de Cesário, sob inspiração em Isaías. BAILEY, L. “These Are Not Men”..., *Op. Cit.*, p. 26, nota 11-2. Conferir: Is. 58:1 (BJ, p. 1346) e sc. 217.3; 1.3; 4.2; 5.1; 57.1; 80.2; 115.5; 183.1; 230.1.

¹⁰¹ Conferir VC.I.45-6.

¹⁰² Tal qual o *orator* de Quintiliano. KLINGSHIRN, William. *Caesarius of Arles...*, *Op. Cit.*, p. 147-8.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 149-50.

¹⁰⁴ *Ibidem*; BAILEY, L. *Christianity's Quiet Success...*, *Op. Cit.*, p. 20, 147, nota 147. A preocupação de Cesário com o uso de expressões de fácil memorização encontra-se especialmente em AMOS, Thomas. *The Early Medieval Sermons...*, *Op. Cit.* Conferir ainda: BARDY, Gustave. *La prédication de saint Césaire d'Arles. Revue d'histoire de l'Église de France*, Louvain, v. 29. n.116, p. 201-236, 1943, p. 204-6.

pé, permanecendo de pé quando devia fazer a genuflexão, sair mais cedo ou chegar tarde, com episódios de possessão ou mesmo reclamando da pregação (sc. 71.1; 73; 74.1-3; 76.1-3; 77.1-2; 78.1; 79.1; 208.3) – pode tê-lo levado mesmo a fechar os portões da cátedra, para impedir a debandada de ouvintes (VC.I.27).

A nosso ver, a melhor maneira de evidenciar a importância que os sermões possuem em seu episcopal reside, precisamente, em seu supracitado esforço pela edição, compilação e divulgação de sermões.

Redigidas em *scriptorium* na própria cidade (sc. 2.1),¹⁰⁵ o principal objetivo de Cesário com estas coleções seria fornecer material adequado à pregação a ser realizada por clérigos e diáconos quando o próprio bispo não podia fazê-lo,¹⁰⁶ sobretudo junto às paróquias, tal como preconizavam os cânones de Vaison supracitados e o c. 21 de Agde.¹⁰⁷ A distribuição de tais coleções pode ter sido favorecida tanto pelo fato de sua diocese ser localizada estrategicamente como ponto de contato entre a península itálica e o Ocidente,¹⁰⁸ bem como pela necessidade de eclesiásticos gálicos precisarem de *cartas de recomendação* de Cesário – recomendado “vigário para a Gália e a Espanha” pelos bispos romanos – para que pudessem se dirigir à sede de Roma (cf. VC.I.17,62).¹⁰⁹ Diz-nos o relato hagiográfico:

Ele dedicou sermões adequados a festas particulares e passagens escriturárias, e vícios de diferentes tipos. Ele preparou esses sermões de modo que se algum visitante os requisitasse, ele [Cesário] não se furtaria a compartilhá-los. Mesmo que o visitante não sugerisse que devesse levá-los, Cesário em todo caso os oferecia. Aos clérigos locados distantes nas terras Francas, Gália, Itália, Espanha, e outras províncias, ele enviou por seus bispos sermões que pudessem pregar em suas próprias igrejas (VC.I.55).

Pregando “de memória” (VC. I.16,54; II.20), Cesário posteriormente adaptava os sermões redigidos por estenógrafos a tal projeto de divulgação. Se, por um lado, o bispo se distinguia de alguns pregadores gálicos em favor de um *sermo humilis*, que atingisse a princípio os mais rústicos da audiência;¹¹⁰ por outro, se distanciava de

¹⁰⁵ MUELLER, Mary M. Introduction. In: *Saint Caesarius of Arles: Sermons (1-80). The Fathers of the Church*, v. 31. Nova York: Fathers of the Church, 1956. p. xxi.

¹⁰⁶ Especialmente após a doença o impossibilitar. KLINGSHIRN, William. *Caesarius of Arles...*, *Op. Cit.*, p. 36.

¹⁰⁷ Mesmo assim, ao realizar visitas paroquiais, Cesário parece ter pregado nas capelas locais (VC. II.20-1).

¹⁰⁸ DALY, William. *Caesarius of Arles...*, *Op. Cit.*, p. 8.

¹⁰⁹ Uma das prerrogativas garantidas a Cesário por seus *protegés* romanos. MUELLER, M. Introduction..., *Op. Cit.*, p. xiii; SILVA, Paulo. *Ciclo pascal e normatização litúrgica...*, *Op. Cit.*, p. 71-5, 85.

¹¹⁰ Embora isso eventualmente custasse a paciência dos mais educados (sc. 86.1; 117.1). DALY, William. *Caesarius of Arles...*, *Op. Cit.*, p. 15, nota 33.

Agostinho, ao retirar episódios e referências específicos ao *locus* da pregação¹¹¹ – isto é, Arles – e também por diluir referências que pudessem indicar as obras patrísticas e, talvez, seculares que tenham lhe servido na confecção do sermão.¹¹²

Tal esforço de Cesário na elaboração de sermões generalizantes pode ter contribuído para facilitar a divulgação destes escritos pelo Ocidente, respondendo assim, diretamente ao esforço de “economia do improvisado” citado por Bourdieu e apresentado, aqui, nos textos de Bailey e de McLaughlin. Segundo Bourdieu:

Nesse contexto, o breviário, o livro de sermões ou o catecismo, desempenha, ao mesmo tempo, o papel de um receituário e de um resguardo, estando portanto destinados a assegurar a economia de improvisação e a impedi-la.¹¹³

Por outro lado, a *vulgarização* de seus sermões contribuiu também para a gradual atribuição de tais obras a outros autores – em especial Agostinho – e para a consequente perda de seu patrimônio intelectual. Em fins da Idade Média, a maioria de seus sermões havia caído no anonimato.¹¹⁴

Quanto ao seu estilo literário, os sermões de Cesário tomam a supracitada proposta de Agostinho quanto às *três modalidades de discurso* na *Doctrina Christiana*, usando figuras de paralelismo, de repetição e sonoras,¹¹⁵ além de diversas metáforas com aspectos do cotidiano e técnicas para antecipar e refutar questionamentos (VC.I.16) e de citações e paráfrases às escrituras (VC.I.16,52).¹¹⁶

De um total de cerca de 239, vinte e sete sermões remetem diretamente às festas dos ciclos temporais da Páscoa e ao Natal (*sc.* 187-213) – excluindo-se, aqui, por volta de sessenta e quatro sermões exegéticos veterotestamentários, que seriam lidos no período quaresmal, e os quatorze sermões das festas santorais –, aos quais se somam cerca de cinco sermões festivos alusivos à consagração de igrejas, altares e bispos (*sc.* 1; 227-230), dos quais destacamos os *sc.* 1 e 230.

¹¹¹ Embora eventualmente os sermões de Cesário deem-nos indicações temporais ou geográficas (*sc.* 6; 52; 79; 91-2; 233; 238). KLINGSHIRN, William. *Caesarius of Arles...*, *Op. Cit.*, p. 9-11.

¹¹² Sobre os autores cristãos e profanos citados direta ou indiretamente por Cesário, Délage cita Virgílio, Juvenal, Ambrósio, Agostinho, Pseudo-Columbano, Cipriano, Fausto de Riez, a coleção do Eusébio Gaulês, Jerônimo, Máximo de Turim e Salviano, dentre outros. DÉLAGE, Marie-José. *Introduction...*, *Op. Cit.*, p. 95-9.

¹¹³ BOURDIEU, Pierre. *Gênese e Estrutura do Campo Religioso*. In: *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 69.

¹¹⁴ A transmissão dos manuscritos que continham sermões de Cesário pode ser melhor investigada em MUELLER, M. *Introduction...*, *Op. Cit.*, p. xiii-xvi; M. DÉLAGE, Marie-José. *Introduction...*, *Op. Cit.*, p. 66-70.

¹¹⁵ Além de manter um ritmo agradável com acento enfatizado com uso consistente de *clausulae*. KLINGSHIRN, William. *Caesarius of Arles...*, *Op. Cit.*, p. 151, notas 26-7.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 151, notas 28-9; AMOS, Thomas. *The Early Medieval Sermons...*, *Op. Cit.* Conferir ainda: AGOSTINHO, *De Doctrina Christiana* IV, V.7.

A nosso ver, a difusão de tais sermões festivos respondia, dentre outras, às seguintes preocupações: **a)** fornecer material adequado à pregação destinada a tais ocasiões, ampliando e ao mesmo tempo enquadrando o discurso eclesial, ressaltando ainda a importância dos bispos; **b)** disciplinamento dos ouvintes – quais sejam, clérigos menores, monges e, em especial, leigos –, impondo-lhes práticas associadas ao ascetismo cristão e, ao mesmo tempo, restringindo os espaços e práticas sociais considerados inadequados.

Cesário descreve o ofício episcopal como “fardo” (*sc.* 1.3; 230.5), dado o zelo com que os líderes comunitários, pastores (*sc.* 1.11,19), guardiães (*sc.* 1.4), timoneiros (*sc.* 1.19), arautos (*sc.* 230.5) de suas comunidades de fieis devem prestar conta por todos, em razão de sua posição elevada e por terem sido apontados por Cristo (*sc.* 1.19; cf. *sc.* 1.6; *sc.* 230.2,3,5).

Neste âmbito, a instrução – isto é, a pregação – tem papel de destaque. Os bispos são, a princípio, responsáveis pela educação de seus fieis e clérigos paroquiais (*sc.* 1.4,8,15,20). Tal disposição coaduna-se aos ditames conciliares de Agde e Vaison citados acima, que predisponham a ampliação do direito predical aos párocos e presbíteros rurais.

Então, todas essas verdades (...) não apenas os bispos do Senhor nas cidades mas também presbíteros e diáconos paroquiais podem e devem com frequência pregar. No mais, quem é incapaz de dizer que ninguém deve prestar votos a uma árvore, observar presságios, conjurar encantadores, ou consultar mágicos e visionários? (*s.* 1.12).

Tomando de empréstimo as *parábolas do talento e das minas*¹¹⁷ Cesário exortou ainda a ideia do bispo como *mercador dos bens/talentos espirituais* (*sc.* 1.1; 230.6),¹¹⁸ figura a nosso ver preferencialmente associada aos ofícios citadinos. Para o bispo arlesiano, não pregar era ‘desperdiçar o talento’ que fora confiado aos bispos e, com isso, enterrá-lo (*sc.* 230.6; cf. VC.I.18,54), condenando-se (*sc.* 230.5). De fato, a pregação era tão importante para Cesário que ela não deveria se resumir à missa e demais ofícios litúrgicos, aos domingos ou às festas cristãs:

Por essa razão, com a ajuda de Deus trabalhem o quanto pudermos gastando naqueles sob nossos cuidados a moeda espiritual do Senhor, não apenas na igreja, mas também nas assembleias, banquetes, e onde quer que estejamos (*sc.* 230.6; cf. 1.10).¹¹⁹

Tratava-se, porém, de pregar a ‘verdade’: Cesário afirma que os bispos são as ‘luzes do mundo’, cuja iluminação pela *doutrina* afastava da escuridão dos erros e do

¹¹⁷ Descritas em Mt. 25:14-30 e Lc. 19:11-27 (BJ, p. 1749-50, 1822-3).

¹¹⁸ Associada ainda à noção de *doação de esmolas espirituais* (*sc.* 1.8,12-4).

¹¹⁹ Cesário desafiava os fieis a apresentar os temas de sua pregação não só aos parentes, amigos e tenentes, mas aos escravos (VC.I.61).

abismo do pecado (sc. 1.16).¹²⁰ A pregação do bispo arlesiano, por certo, esteve vinculada às noções de ortodoxia da *sede romana* (sc. 1.18; cf. CO), e pode ter enfrentando alguma animosidade frente aos soberanos visigodos, de confissão ariana e não nicena.

Tal proposta de enquadramento predical esteve distante de constranger apenas os clérigos: especialmente os leigos estavam sujeitos a tal. Escolhemos um trecho de sermões prévios ao *natal* e outro de um sermão *quaresmal* para demonstrar tal esforço normativo.

Os sc. 187-189 abordam a temporada prévia à festa do Natal (sc. 190), de caráter ascético, que posteriormente seria consagrada como o período do Advento. Embora insistam em outras práticas ascéticas, chama-nos a atenção de que a prédica advirta contra os excessos nos *banquetes* (sc. 188.5), por seu notório desperdício e desatenção para com os necessitados e, sobretudo, por abrir caminho para a *bebedeira* e o *adultério*:

Afastem-se do esgoto da bebedeira e da degradação do adultério como do próprio diabo. Embora eu lhes advirta frequentemente acerca deste assunto e o ateste, ouço que ainda existem certas almas infelizes a lamentar. Mesmo casados, estes homens não temem nem se envergonham por cometer adultério. Eu lhes suplico, irmãos, que aqueles que são casados não se satisfaçam na bebedeira nem cometam adultério (sc. 189.4; 189.5).

Recentemente, Lisa Bailey estudou a correlação entre *bebedeira* e *adultério*, um dos entraves ao projeto episcopal defendido por Cesário. Sua estratégia consistia em alardear tais problemas como endêmicos e, em seguida, contrapô-los à disposição *heroica* do pregador.¹²¹

Neste contexto, seu discurso autoritativo contra o *sexo*¹²² e a *bebida*¹²³ é especialmente dirigido aos homens:¹²⁴ às mulheres Cesário dirigia um discurso contra o *aborto*, a *contracepção*, a *fofoca* e as *curas* (sc. 1.12; 44.2; 51.4; 52.4-6; 55.4).¹²⁵ No caso

¹²⁰ Em outro artigo relacionamos a noção de que à “escuridão dos erros” doutrinários – e, por isso, heréticos – se contrapõe a doutrina (*luz, alimento, leite, mel, sal, vento* espirituais). SILVA, Paulo. As heresias nos sermões de Cesário de Arles: pregação e afirmação episcopal no século V. *Plêthos: Revista Revisita Discente de Estudos Sobre a Antiguidade e o Medievo*, Niterói, v.1, p. 101-24, 2011. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/revistaplethos/arquivos/numero1/paulo.pdf> (08/04/2013).

¹²¹ BAILEY, L. “These Are Not Men”..., *Op. Cit.*, p. 26, 33-4.

¹²² Especificamente em relação ao *sexo* (adultério ou pré-marital), este também é igualmente ‘normalizado’, e uma prática social como o *concubinato* era tão disseminada que Cesário acreditava que os clérigos não poderiam condenar todos. Cesário condenava ainda a *tolerância com a promiscuidade masculina*, e os “dois pesos e duas medidas” aplicados aos homens mas não às mulheres em relação ao sexo pré-marital. Aqui valem as condenações previstas nas Escrituras. *Ibidem*, p. 31-2, 34-5.

¹²³ Dirigindo-se especificamente contra as *bebidas*, Cesário afirma que o *clima de competitividade* que se estabelece entre os homens, a *hospitalidade* e o ambiente de *conquista sexual* que as permeiam contavam eventualmente com o apoio de *clérigos*, trazendo ‘horribéis consequências’ mesmo às festas de santo. *Ibidem*, p. 31.

¹²⁴ À exceção de sc. 16.3.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 30-1, nota 33.

da crítica ao comportamento dos homens, Cesário se ampara em autores da Patrística e em certas concepções filosóficas em voga com parte da elite romana – como o *estoicismo* (cf. sc. 43.1; 46.3; 46.1) –, em defesa de uma *masculinidade* constituída em *retidão, autocontrole e resistência*.¹²⁶

Tal elemento diretivo se torna ainda mais evidente na Quaresma. A par dos elementos ascéticos e penitenciais enfatizados pela prédica¹²⁷ – característicos do que Robert Markus chamou de “invasão ascética” –,¹²⁸ destacamos que o período quaresmal é diretamente associado à *instrução* não só de catecúmenos como dos fieis em geral.

A temporada quaresmal era associada à exegese de textos *vetero e neotestamentários* (sc. 81-186).¹²⁹ Considerando que o exercício das *lectiones divinae* era parte indispensável da instrução e da pregação no projeto episcopal de Cesário (sc. 230.4; 230.6),¹³⁰ a leitura e discussão destes textos eram reforçadas na Quaresma: uma vez mais, o bispo exortava os fieis a não limitá-las ao espaço litúrgico.

Eu lhes exorto, caríssimos irmãos, a levantar mais cedo para as vigílias, e sobretudo, para vir às terças, sextas e noas [horas litúrgicas de ofício]. Não deixem ninguém se abster do ofício sagrado salvo enfermidade ou serviço público ou grande necessidade o mantenha ocupado. Que não lhes seja suficiente ouvir as lições divinas na igreja, mas que as leiam por conta própria em seus lares, ou que procurem alguém para as lê-las e atentamente ouçam quando o fizerem (sc. 196.2).¹³¹

¹²⁶ Cesário criticava assim os *bêbados afeminados*. Ibidem, p. 37, nota 74.

¹²⁷ Destacam-se, assim, a observância da castidade (sc. 196.1, 198.3, 199.7); o jejum (sc. 196.3, 197.1, 198.5, 199.1, 202.5), as orações (sc. 196.3, 197.3, 198.2, 199.7, 202.5); as vigílias (sc. 196.3, 197.1, 199.7) e o entoar de salmos (sc. 202.5) – associados, parcialmente, ao comparecimento à basílica nas horas canônicas (sc. 196.2) –; o cuidado ao ouvir as lições divinas (196.2, 198.5), de forma silenciosa (sc. 196.4); o amainar das discordâncias (sc. 198.3, 199.7) e ainda a caridade (sc. 199.7), figurada na doação de esmolas (sc. 197.4, 198.1, 199.2, 199.6) e roupas (sc. 199.5) e também no amparo de viajantes e estranhos (sc. 198.3, 199.3). Outras atitudes positivas são as visitas aos doentes e aos encarcerados (sc. 198.3) e a obediência à autoridade religiosa (sc. 196.5). Entre as atitudes condenatórias, além da evidente recusa dos fiéis em se comprometer com os preceitos de edificação espiritual quaresmais, destacam-se a luxúria (sc. 196.3) e a libertinagem (sc. 197.1), os banquetes (sc. 198.4), bem como os frenéticos jogos de mesa, as estórias inúteis, as piadas cáusticas e as calúnias venenosas (sc. 198.3) e as gravíssimas faltas do perjúrio e falso testemunho (sc. 197.2). SILVA, Paulo *Ciclo pascal e normatização litúrgica...*, *Op. Cit.*, p. 104-9.

¹²⁸ MARKUS, Robert. *O fim do cristianismo antigo...*, *Op. Cit.* O livro de Bailey rediscute a afirmação categórica de Markus acerca de uma normatização extrema preconizada pelos sermões de Cesário: para tal, a autora investiga os pouco explorados sermões da coleção do Eusébio Gaulês. BAILEY, Lisa. *Christianity's Quiet Success...*, *Op. Cit.*, p. 127-43.

¹²⁹ SILVA, Paulo *Ciclo pascal e normatização litúrgica...*, *Op. Cit.*, p. 98.

¹³⁰ FERREIRO, Alberto. "Frequenter legere": The Propagation of Literacy, Education and Divine Wisdom in Caesarius of Arles. *Journal of Ecclesiastical History*, Cambridge, n. 43, 1992, p. 5-15. Cipriano de Toulon, um dos redatores da VC, exaltou a capacidade elucidativa de Cesário, que discutia e esclarecia mesmo os textos mais obscuros das escrituras (VC.I.52).

¹³¹ Tratava-se, ainda, de instruir os cristãos as debates também com judeus e pagãos (sc. 104.1,6).

A associação entre ascetismo, penitência e instrução se torna ainda mais incisiva na prédica quaresmal de Cesário, em um trecho em que se associa a *lectiones divinae* às refeições.¹³² Diz-nos o bispo:

Com fervor ouçam as lições divinas na igreja, e as leiam novamente em suas próprias casas. Se alguém é tão atarefado que não tem tempo para as sagradas Escrituras antes do almoço, não deve se envergonhar de fazê-lo em seu próprio desjejum. Devem ler e ouvir as lições divinas para que possam falar a seu respeito aos outros em suas casas e qualquer lugar. Como animais limpos, ao mastigarem a palavra de Deus por contínua reflexão, vós podereis encontrar sabor útil, isto é, seus significados espirituais (sc. 198.5).

Desta forma, os exemplos aqui citados permitem-nos articular um projeto episcopal que coloca a pregação como pedra de torque de um intenso processo normativo, voltado não somente para censurar certas práticas como para instruí-los, tomando os fieis como artífices decisivos em sua concepção de poder.

Conclusão

Nas últimas décadas, os estudos relativos à pregação medieval passaram por evidente ganho quantitativo e qualitativo. Como vimos, uma série de questionamentos metodológicos ampliaram as considerações conceituais acerca dos sermões e, em especial, da pregação: elementos como a performance, a audiência e a associação com a retórica, dentre outros, assumiram importância basilar para a exploração desse tipo de documentação, que, é sabido, guarda necessária distância à ocasião do evento litúrgico predical.

Outro aspecto a ser considerado remete à tensão entre um discurso que, embora se apresente como monólogo autoritativo, necessariamente tem de convencer e persuadir os ouvintes: tal desafio estava sujeito a oscilações, tal como observamos nos casos de Agostinho e, sobretudo, de Cesário.

Ao optarmos por discutir os escritos de autores dos séculos IV ao VI à luz de algumas dessas recentes considerações metodológicas e conceituais – período de costume relegado pelos pesquisadores de tal tema –, atentamos para a inserção múltipla que a pregação poderia então assumir junto às atividades bispais no episcopado ocidental.

Focando-nos no episcopado de Cesário, nos parece razoável considerar, portanto, que Cesário buscava reforçar o papel da pregação no projeto episcopal designado à diocese de Arles e, no limite, ao sul da Gália: as festas cristãs se revelavam como momento particularmente oportuno em tal esforço, precisamente por seu caráter recorrente.

¹³² E que defendia tal exercício de leitura mesmo durante as refeições comunais (VC.I.62).

O papel do bispo como pregador se reforçava, dentre outros, pela associação com Isaías, pelo reconhecimento da pregação agostiniana e lerinense, bem como por seu esforço em divulgar coleções de seus sermões aos eclesiásticos da região.

Sua capacidade normativa se impunha, a nosso ver, por um duplo viés: por um lado, ao delimitar a mensagem lícita a ser proferida por bispos e clérigos menores – paroquiais inclusive –; e, por outro lado, ao se dirigir à audiência, em particular aos leigos. Vale lembrar que, embora estivesse atento à pluralidade de grupos e pertencimentos dos ouvintes – aos quais dirigia imposições e ênfases variáveis –, Cesário privilegiava o comparecimento aos ofícios litúrgicos e a atenção às *lectiones*.

Por fim, consideramos que, longe de se encerrarem nestas páginas, as discussões acerca da pregação alto medieval devam se ampliar. Em próximas publicações, além de manter tal temática em debate, esperamos que outros pesquisadores tomem parte, especialmente brasileiros.

Artigo recebido em 12 de setembro de 2013.

Aprovado em 20 de março de 2014.